

ILUSTRACÃO



1928
natal



ILUSTRAÇÃO

1.º ANO — N.º 72

NATAL DE 1928

PREÇO 4\$00



Tobler

chocolate de
leite suíço



Oh! Mamã que bom!
Um Toblerone!

Este finíssimo chocolate de leite suíço com mel e amendoa é o brinde que os vossos filhos certamente mais apreciarão, porque nele encontram não só uma gulodice de sabôr incomparavel mas sobretudo um alimento concentrado dos mais completos.

TOBLERONE é fabricado com produtos rigorosamente seleccionados e por um processo especial que o torna muito rico em vitaminas e inteiramente assimilavel.



Emmerico

A SAUDE DO VOSSO BÉBÉ



..... exige que sejais severa na escolha do seu leite. Quando ha falta de leite materno, deveis evitar de dar ao vosso filhinho leite fresco que quasi sempre é de qualidade duvidosa e cheio de micróbios e outras impurezas. A fervura diminui consideravelmente o seu valór nutritivo, pois destroi as preciosas vitaminas tão necessarias ao desenvolvimento da criança. Adoptai pois, sem hesitar, o melhor dos Leites, o

LEITE CONDENSADO AÇUCARADO MARCA "MOÇA"

purissimo, rico em crême e em VITAMINAS. É o alimento ideal e o que melhor substitui o leite materno

PREPARAI O VOSSO BÉBÉ AO DESMAME. Faze-lo bruscamente é expor a criança a graves perigos. Por isso todos os pediatras recomendam que se faça o desmame progressivamente, juntando ás mamadeiras de leite, papinhas de farinha fortemente lacteada e cuidadosamente malteada. Substitui uma, depois duas e três mamadeiras de leite por uma papinha de

FARINHA LACTEA NESTLÉ

RICA EM LEITE E EM VITAMINAS, CUIDADOSAMENTE DOSADA E MALTEADA

E' assim a melhor maneira de desmamar o vosso bebé sem perigo

Peçam uma amostra de Leite Condensado Açucarado MOÇA ou de Farinha Lactea NESTLÉ bem como o folheto do Dr. Vidal sobre os cuidados e a alimentação a dar ás crianças, á:

FILIAL EM PORTUGAL DA

NESTLÉ & ANGLO-SWISS CONDENSED MILK C.

Rua Ivens, 11-13 - LISBOA



LAVE, ONDULE
E CÔRTE O
SEU CABELO
NA

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

LISBOA
AVENIDA, 35

'NYTHIS'
Parfume de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



ESSENCIA
PÓ DE ARROZ
LOÇÃO
AGUA DE COLONIA
SABONETE

Se vende em todas as boas Casas
Agentes gerais STEIFFER & CO, Rua de Madureira 212 LISBOA



LISBOA - MADRID
NOS
JUNKER'S

às 3.^{as}, 5.^{as} e sábados

PREÇO Esc. 500\$00
15 quilos de bagagem livre

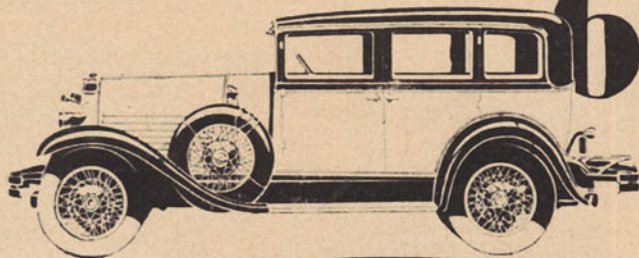
Serviços Aereos Portugueses, Ltd.
Avenida da Liberdade, 3

SEMPRE SINGELAS
MARMON



MARMON

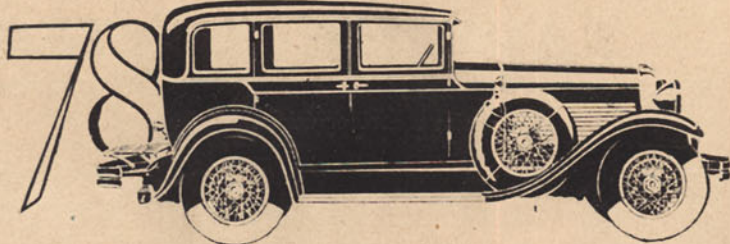
68



Impõe-se uma visita
à nova
Sala de Exposição
DE
FREITAS, FILHO & C.ª

Filial

Onde podereis
examinar os mais
extraordinarios



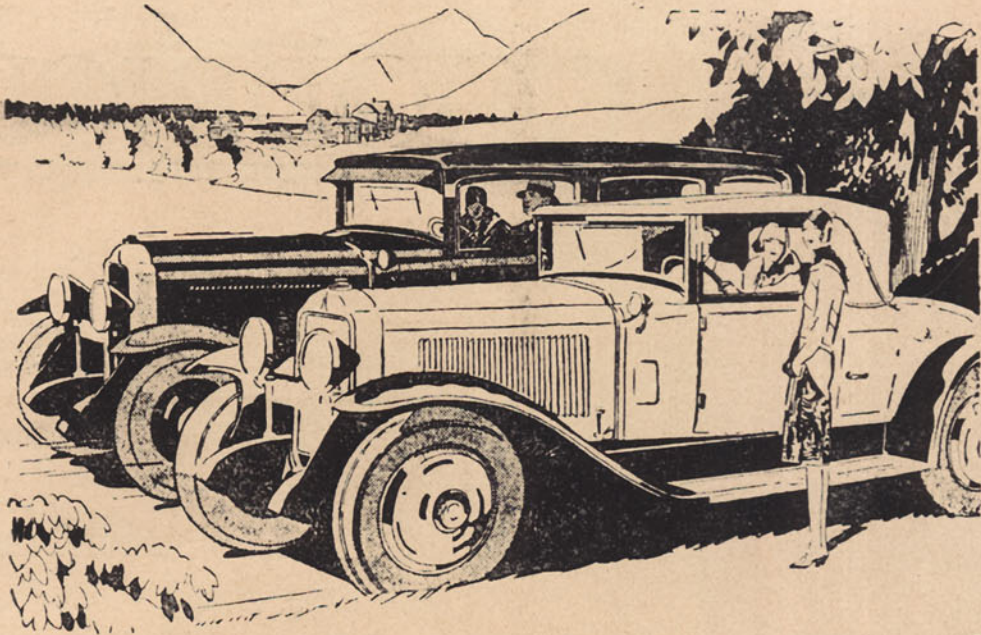
OITO EM LINHA DA ACTUALIDADE

PORTO

R. Sá da Bandeira, 373

LISBOA

R. Alexandre Herculano, 67
R. Rodrigo da Fonseca, 29-A



O Buick 1929 é o remate de 25 anos de constantes aperfeiçoamentos

Há 25 anos que é supremo - e hoje é mais belo e mais veloz

Novo no aspecto e com numerosos aperfeiçoamentos no motor

ELEGANCIA, estilo, um notável aumento de velocidade e de aceleração: são estas as principais características do novo Buick. Causar-lhe-hão entusiasmo as suas linhas longas e harmónicas, assim como a beleza e o colorido das suas carrocerias, construídas por Fisher, mestre-carrossier.

Só examinando e experimentando este carro se poderá compenetrar do valor que ele representa. Ele desenvolve com facilidade cem, cento e dez, cento e vinte, e mais, quilómetros por hora, pois tem a po-

tência para atingir essa velocidade, e a solidez para a manter

Não ha carro de luxo que tenha conseguido obter a popularidade que o Buick justamente conseguiu. É o preferido de quasi todas as figuras de destaque naquelas profissões superiores em que se tornam igualmente insistentes a exigencia de elegancia e a de rapidez e segurança de transporte.

Visite desde já o concessionário mais próximo; peça-lhe uma demonstração e ficará satisfeito.

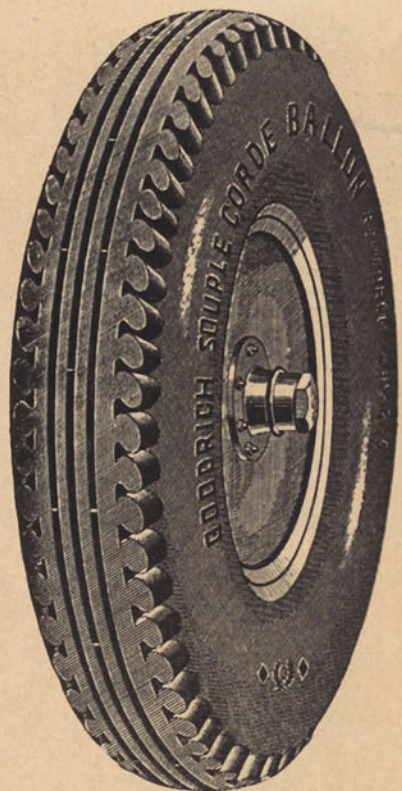
BUICK

GENERAL MOTORS PENINSULAR, S. A.

CONCESSIONÁRIOS

Diniz M. d'Almeida
Avenida da Liberdade, 205 a 218
LISBOA

Cunhas & Almeida, Ltda.
Avenida dos Aliados, 75 a 79
PORTO



GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS
RESISTENTE E DE
MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, P. Duque da Terceira
LISBOA

59, Avenida dos Aliados
PORTO

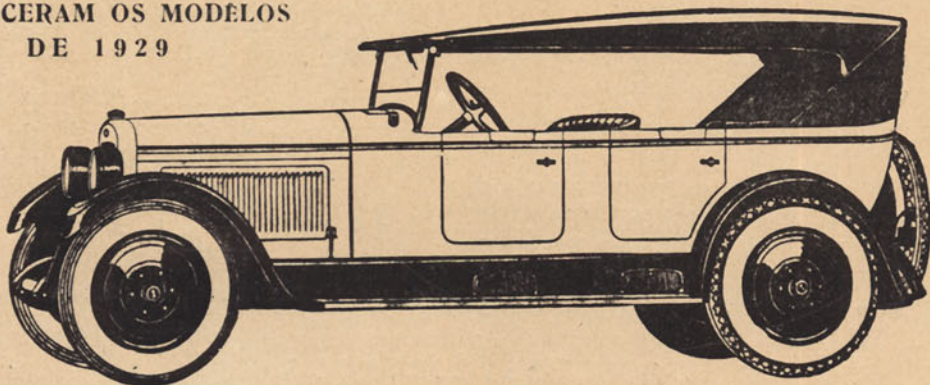
OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

AUTOMOVEIS

— DIVERSOS TIPOS —

O CARRO UTILITÁRIO

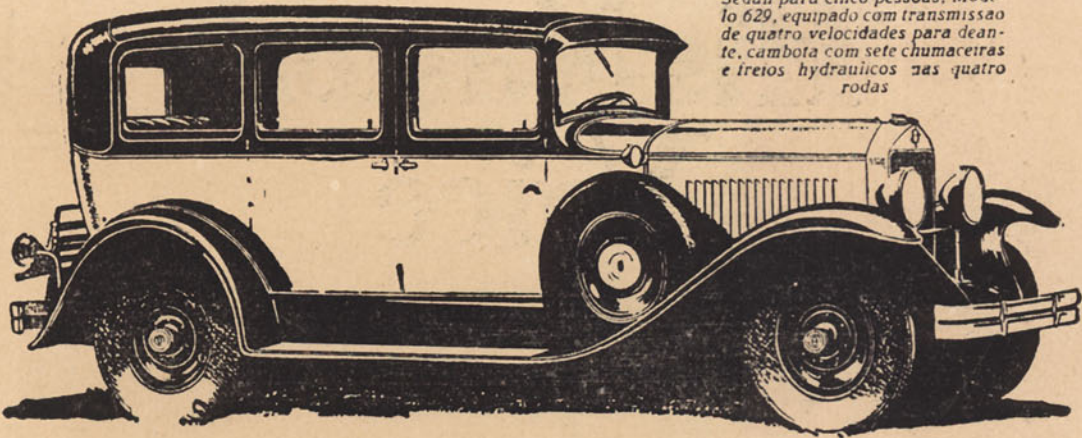
APARECERAM OS MODELOS
DE 1929



AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA

59, Avenida dos Aliados — PORTO



Sédan para cinco pessoas. Modelo 629, equipado com transmissão de quatro velocidades para diante, cambota com sete chumaceiras e freios hidráulicos nas quatro rodas



Quatro modelos com 4 velocidades, a 3.^a e a 4.^a silenciosas.

Cinco chassis de Seis e Oito Cylindros, com o mais completo e variado sortimento de carrocerias, por um preço que se acha ao alcance de quasi todos os que pretendem comprar um automovel

Verdadeira diferença no funcionamento

Experimente dirigir um dos modelos Graham-Paige de quatro velocidades. Não será preciso aprender nada de novo. A posição das mudanças é a do typo «Standard». Mas no seu funcionamento ha uma diferença real, —no meio de trafego pesado, nas estradas reaes e para vencer as mais ingremes rampas. Tudo quanto desejamos é que V. S. póssa notar e admirar essa diferença.

*Joseph D. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*

Unico concessionario para Portugal:
J. COELHO PACHECO
21, Avenida da Liberdade
Stand e garage: 90, 92 e 94, Rua Braamcamp
Telefone: Norte 2595
LISBOA

GRAHAM-PAIGE

“His Master’s Voice”

NÃO TEEM IMITAÇÃO OS ARTIGOS
DA MELHOR E MAIOR FÁBRICA
DO MUNDO EM

GRAMOFONES E DISCOS

UNICOS AGENTES EM PORTUGAL

GRANDE BAZAR DO PORTO, L.^{DA}

LISBOA

Rua Augusta, 150

PORTO

Rua de Santa Catarina, 192

EXPERIMENTAI TODOS OS CARROS DE TODAS AS MARCAS,
MESMO OS DE PREÇO MAIS ELEVADO

EXPERIMENTAI
EM SEGUIDA UM

Chrysler

E TEREIS OCASIÃO DE VER QUE NENHUM OUTRO VOS
PROPORCIONARÁ AS MESMAS SENSACÕES DE :

RAPIDEZ DE ACELERAÇÃO

MALEABILIDADE E SILENCIO

FACILIDADE EM GALGAR AS SUBIDAS
MAIS INGRESSES EM PRISE

ESTABILIDADE NAS CURVAS
EM GRANDES VELOCIDADES

CONSUMO DIMINUTO



EXPERIMENTAI SOBRETUDO

CRYSLER IMPERIAL

E FICAREIS ASSOMBRADO

EM VER QUE SÓ COM ESTE MARAVILHOSO CARRO

DESAPARECERAM AS MÁS ESTRADAS

Uma experiência vos será gostosamente proporcionada pelo

AGENTE GERAL PARA PORTUGAL E ILHAS :

A. BEAUVALET

Rua 1.º de Dezembro, 137 — LISBOA

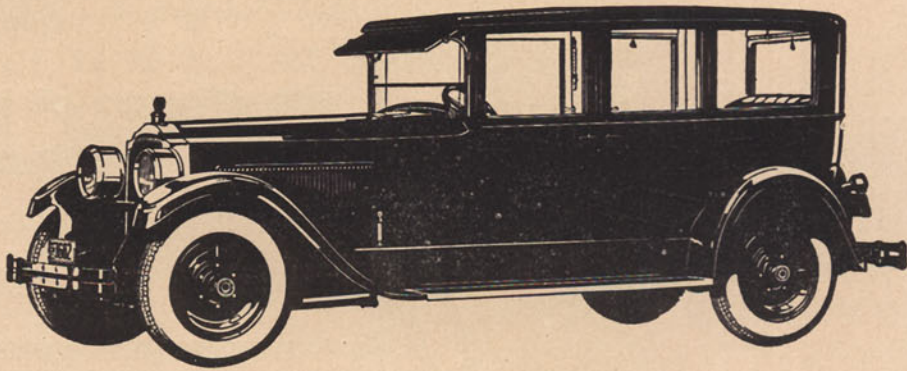
DISTRIBUIDOR PARA O NORTE :

ANGEL BEAUVALET

Rua de Santa Catarina, 130 — PORTO

Packard

SÓ FABRICA CARROS DE 8 CILINDROS CHASSIS CURTO
CHASSIS LONGO
O MAIS ELEGANTE DOS CARROS



MODELOS 1929 JÁ A VENDA



PEDIR INFORMAÇÕES E VISITAR O NOSSO

SALÃO DE EXPOSIÇÃO:

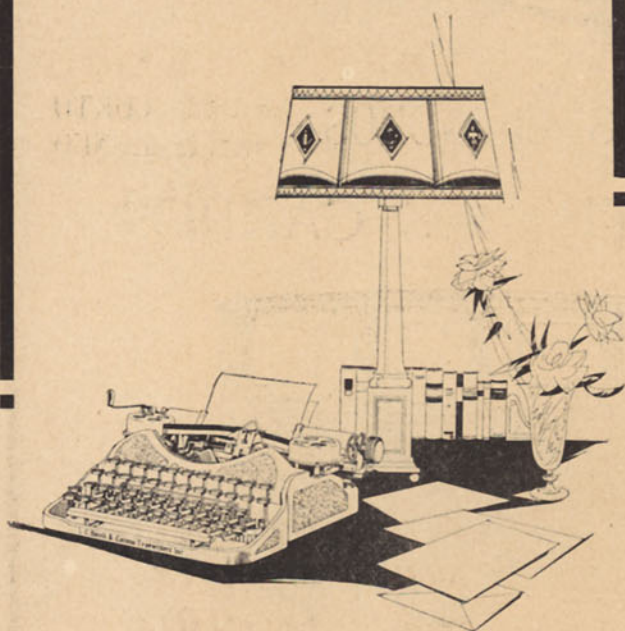
4. Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.^A L.^{DA}

LISBOA—PORTO

CORONA



A MÁQUINA DE ESCREVER PORTÁTIL

Em cores atraentes que se harmonizam com qualquer mobília

Verde, vermelho, creme, lilaz, castanho e azul

Uma carta escrita numa CORONA, num papel com monograma é considerada elegante e ultra-moderna

O MAIS PRÁTICO BRINDE PARA O NATAL

AGENTES GERAIS:

THE MODERN OFFICE LTD.

107, Rua do Alecrim, 109

LISBOA — TELEF. T 66

A graphic advertisement for Bosch. At the top, a stylized explosion or spark is depicted with radiating lines and a central burst. A Bosch spark plug is shown in the foreground, angled towards the explosion. Below the graphic, the word "BOSCH" is written in a large, bold, sans-serif font. Underneath the logo, there is text in Portuguese: "A vela de qualidade Um modelo apropriado a cada tipo de motor." followed by "REPRESENTANTE EXCLUSIVO: ESCRITÓRIO TÉCNICO ROBERTO CUDELL. PORTO — Passos Manuel, 4."



PHOSCAO

**O mais delicioso dos almoços
O mais poderoso dos reconstituintes**

O Phoscao constitui o alimento ideal, como primeira refeição da manhã.

O chá e o café são unicamente excitantes do organismo, enquanto que o Phoscao, alimenta, fortifica e estimula sem fatigar o estomago, convido, portanto, a todos os temperamentos.

O seu uso é aconselhado pelos médicos, tanto às pessoas saudáveis, como aos doentes, convalescentes, anémicos, idosos, dispepticos, amas de leite e às mães no período da amamentação.

EM TODAS AS MERCEARIAS, FARMACIAS E DROGARIAS

Envia-se uma amostra grátis a quem a solicitar aos
UNICOS IMPORTADORES

Estab.ª Jeronimo Martins & F.ª — LISBOA

O MELHOR CARRO

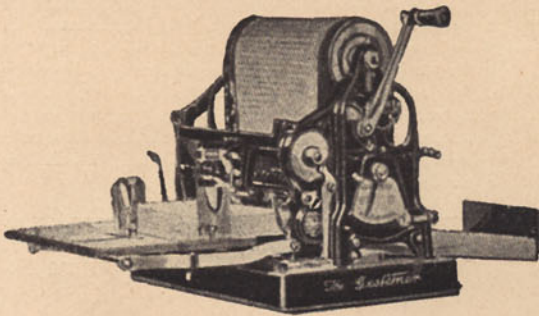
É O FORD

**PORQUE SENDO O DE MENOR
PREÇO, É O**

AUTO-AERO LTD.*
Avenida Casal Ribeiro, 28
Tel. N. 174 — LISBOA

→ **PARA O CAMPO**
→ **PARA A CIDADE**
→ **PARA TRABALHO**
→ **PARA PASSEIO**

→ **MAIS RESISTENTE**
→ **MAIS BONITO**
→ **MAIS SEGURO**
→ **MAIS COMODO**



Cada escritório precisa organização!!

TIRA 100 COPIAS POR MINUTO!!
O DUPLICADOR
"D. GESTETNER"

*O melhor duplicador do Mundo pôde ser
nos dois casos de imensa utilidade!*

PEÇAM DETALHES Á CASA
A. GESTETNER, L.^{DA}

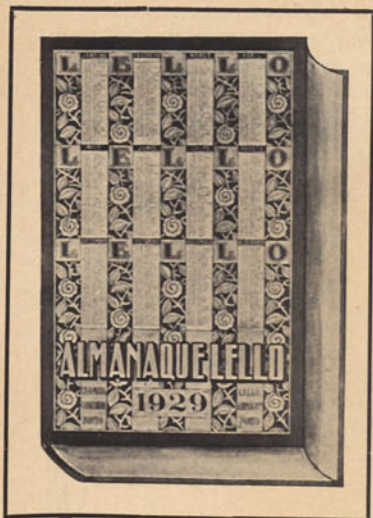


Todo o negocio precisa desenvolvimento!!

"KAPPEL"

*A maquina de escrever mais resistente,
mais perfeita
e mais garantida no seu funcionamento*

Rua de Passos Manuel, 249 — PORTO
Telefone N.º 1081
Rua da Conceição, 125 — LISBOA
Telefone: Central 320



UMA REVELAÇÃO

O QUE VOS OFERECE O

ALMANAQUE LELLO

(O HACHETTE PORTUGUÊS)

PARA O ANO DE 1929

COMO LIVRO

- O ALMANAQUE LELLO é uma adaptação a Portugal do célebre Almanaque Hachette, o primeiro de todos os Almanagues mundiais.
- O ALMANAQUE LELLO contém um pouco de tudo: ASTRONOMIA, AGRICULTURA, MEDICINA CASEIRA, CULINÁRIA, CONTABILIDADE, HISTÓRIA, CIÊNCIAS, DESPORTOS, etc., etc.
- O ALMANAQUE LELLO é um manual dos mais variados conhecimentos.
- O ALMANAQUE LELLO ensina-vos a embelezar a vossa casa, a cuidar do vosso jardim, horta ou pomar, oferece-vos dezenas de receitas de cozinha, revela-vos centenas de factos célebres da vossa História Pátria e dezenas de passatempos, e dá-vos inúmeros conselhos úteis.
- O ALMANAQUE LELLO é um vasto repositório das mais recentes descobertas.
- O ALMANAQUE LELLO é indispensável em todas as casas pela sua utilidade. Contém mais de 450 páginas e 600 gravuras.

EIS O LIVRO DE TODOS
E PARA TODOS

Ao preço de Esc. 10\$00, cartonado; pelo correio, Esc. 11\$20

Enviado à cobrança, Esc. 12\$00

Para que todas as apólices entrem em vigor em Janeiro de 1929, é indispensável que os compradores do "Almanaque Lello" o adquiram durante os 30 dias que se seguirem à sua aparição

PORTO

LIVRARIA CHARDRON

De LELLO & IRMÃO, L.^{DA}

(EDITORES)

144—RUA DAS CARMELITAS

LISBOA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73—RUA GARRETT—75

E EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAIZ

Segurai gratuitamente a vossa vida. É um dever para convosco e para com os vossos

**PARA CADA CATEGORIA OFERECEMOS UM
AUTOMOVEL LUXUOSO, EQUIPADO COM
UM MOTOR INCOMPARAVEL**

**STEARNS-KNIGHT
WILLYS-KNIGHT
FALCON-KNIGHT**



DISTRIBUIDORES GERAIS

H. QUEIROZ, L.^{DA}

SALÕES DE EXPOSIÇÃO

62, RUA BRAAMCAMP, 70

4, RUA SERPA PINTO (AO CHIADO)

FIXEM
— A —
PALAVRA
“ALINE”

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO :

AILLAUD, L.^{DA}

R. Garrett, 73, 75—Lisboa
ADMINISTRAÇÃO
Rua Anchieta, 25
Telef. C. 1084

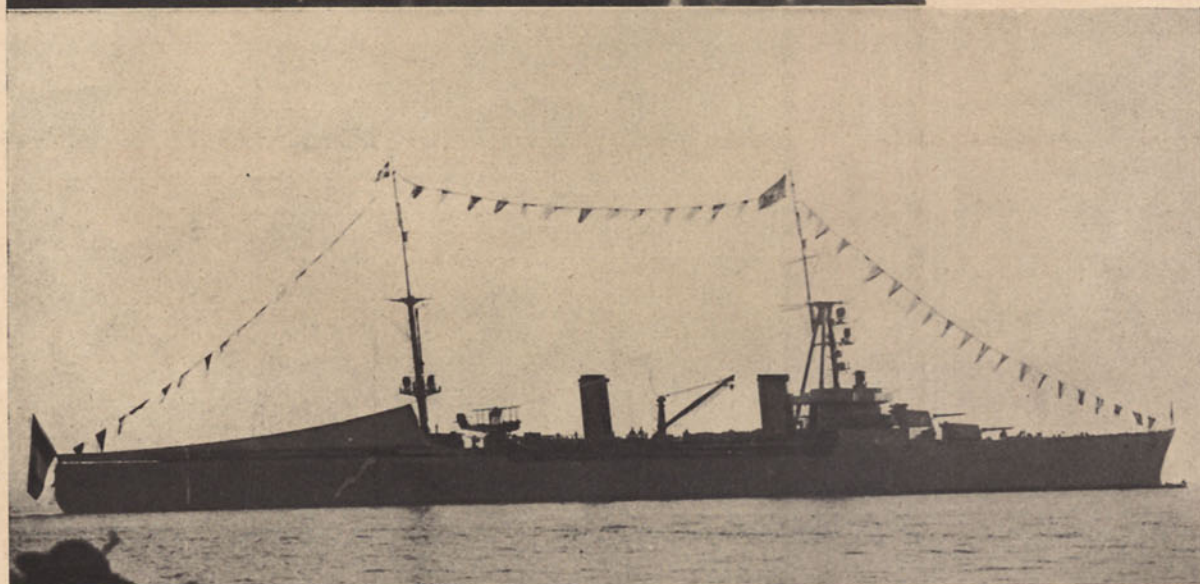
16 DE DEZEMBRO DE 1928

A VISITA DA ESQUADRA FRANCESA



UM DOS ACONTECIMENTOS ÚLTIMOS DE MAIS NOTÁVEL RELÉVO NACIONAL E INTERNACIONAL FOI A VISITA DE CUMPRIMENTOS DA ESQUADRA FRANCESA AO TEJO. AS NOSSAS FOTOS REPRODUZEM UM ASPECTO DO CHÁ OFERECIDO A BORDO DO «TROUVILLE», A VISITA DO ALMIRANTE DE L'Ó AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, E O MODERNÍSSIMO BARCO DE GUERRA «TROUVILLE» AO LARGAR DO NOSSO PORTO

(Fotos «Ilustração»)





Aspecto do imponente funeral do ilustre jornalista e propagandista republicano, dr. Magalhães Lima, que há pouco se finou depois de prolongada doença



A DIREITA: — O triunfo de Lisboa sobre Paris em futebol. Roquete, o guarda-rédes português, e o melhor jogador em campo, numa das suas magnificas estradas



D. Maria de Lourdes de Sá Teixeira, a primeira aviadora portuguesa, ao tirar o seu «brévet», recentemente, no campo da Escola da Granja do Marquês, em Sintra



O «RAID» LISBOA-ANGOLA-MOÇAMBIQUE: — Os aviadores em Lourenço Marques. — Em cima: No Instituto Goano, durante uma homenagem que foi prestada aos intrépidos aviadores. Em baixo: Missa campal em acção de graças pelo êxito da viagem, sendo o altar erigido sob uma das azas dum dos aviões. Durante a alocução do Rev. Martins, que celebrou o acto. — (Fotos Amaral & Passos)



NOTAS DE ACTUALIDADE PORTUGUESAS E ESTRANGEIRAS



A ESQUERDA:—Um desastre horrível no campo internacional de Alverca derrubou o avião em que voavam o major Santos Leite e o capitão Salgueiro Valente, vitimando os dois ilustres oficiais.—O avião destruído, momentos após o desastre



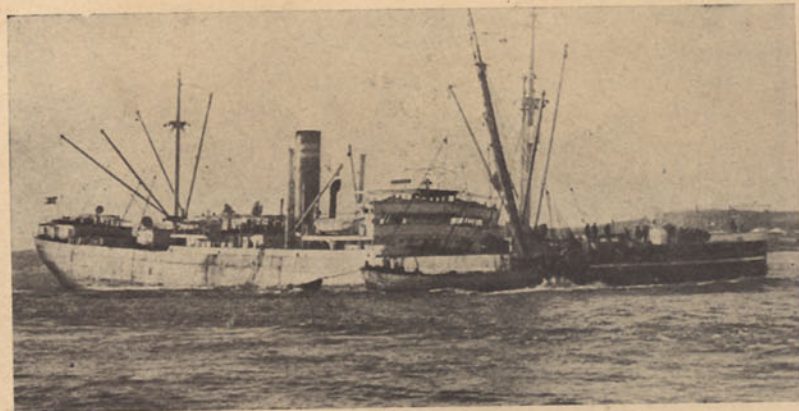
A ESQUERDA:—O imponente funeral dos desditosos aviadores Santos Leite e Salgueiro Valente, saindo da igreja



A DIREITA:—Os cadáveres de Santos Leite e Salgueiro Valente na caminheta que os trouxe de Alverca a Lisboa

EM BAIXO, à direita:—O vice-consultor da Itália em Paris, signor Nardini, que foi assassinado, sendo o seu matador condenado em tão pequena penalidade que causou forte celexuma em Itália

(Foto H. Manuel)



O vapor norueguês «Bessa» que esteve encalhado perto do Bêgio e foi desencalhado depois de árdua tarefa

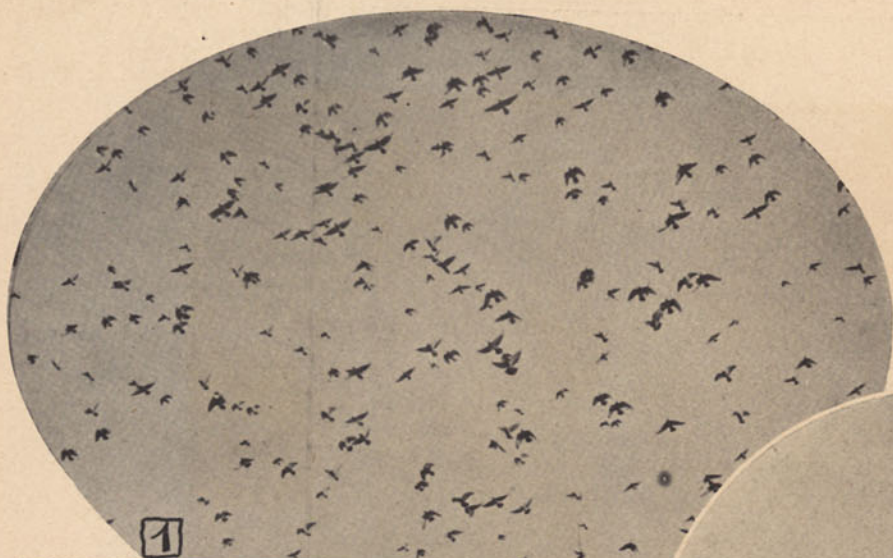


POR TODA A PARTE

1—Pitresco aspecto da largada de milhares de pombos correios no Estádio do Lima, nas festas em benefício da Casa dos Jornalistas do Pôrto

2—O senhor arcebispo da diocese saindo da igreja matriz da Régua, onde rezou missa por alma dos bombeiros do Corpo de Voluntários, já falecidos. Esta missa fez parte do programa de festejos comemorativos do 48.º aniversário daquela corporação benemérita

(Foto António Teixeira)



1



2



3



4



5

3—De visita a Macau esteve, recentemente, o sr. Ministro de Portugal na China, João de Bianchi. O sr. João de Bianchi e o governador da Colónia de Macau, passando revista às tropas no cais de desembarque

4—A benemérita corporação de Bombeiros Voluntários de Mirandela, recentemente reorganizada, com os seus comandantes e directores.—(Foto Correia)

5—Um desafio movimentado de rugbys, no Estádio do Lima, em benefício da Casa dos Jornalistas do Pôrto



ANTÓNIO SOARES
RETRATO DO PROSADOR RIBATEJANO DR. MOTTA CABRAL

ARDIL REVOLUCIONÁRIO

— E se fôssemos passar umas semanas no estrangeiro?

Todos acharam magnífica a ideia, as pequenas aplaudindo ruidosamente, em transporte de alegria, e a mãe deitando um pouco de água na fervura, pouco atreita a entusiasmos fáceis:

— Devagar, devagar... Vamos a ver o que diz o papá. Bem sabem que ele não gosta de sair, custando-lhe mais fazer uma pequenina viagem que tirar um dente... Nada de foguetes, por enquanto.

A noite, abançados ao chá, a Emilita lançou a ideia da viagem, a cabeça encostada ao ombro do pai, adoçando a vozinha musical, fresca como um pequeno botão de rosa orvalhado pelo bafejo duma serena manhã de Abril.

— Não, e é escusado insistir. Os negócios têm corrido mal; tudo está mais caro e ninguém paga as suas contas. O cobrador sai-me da loja com as mãos cheias de facturas, e a maior parte das vezes nem uma só lhe pagam. Nunca houve tanta facilidade como agora em aceitar uma letra; mas também nunca houve tantas letras protestadas como agora. Dantes, o comerciante que se presava, ainda que tivesse de empenhar a camisa, pagava as suas letras no prazo do vencimento, a não ser que lha reformassem. Presentemente ainda alguns o fazem; mas a maioria tanto se importa que lhas protestem como não protestem, porque duma maneira ou doutra não, paga. Lá para o fim do ano, quando der balanço, veremos se há lucros que permitam o luxo duma viagem ao estrangeiro, o que ponho muito em dúvida, pelo geito que as coisas levam.

Insistiu a Emilita, adoçando cada vez mais a sua vozinha musical, que já em muitas ocasiões difíceis desarmara a cólera paterna, só a dizer-lhe palavras que o enterneciam, a cabeça encostada ao ombro do velhote, a oferecer-lhe os beicinhos corados, numa monice de criança, e ele a beber pela sua boca perfumada um vinho estranho e capitoso, que o tornava escravo da sua vontade.

— Não falemos disso... não falemos mais disso, por agora, e lá para ao diante será o que Deus quiser.

Dai a nada reunia uma espécie de conselho de família, com exclusão do dono da casa, e adoptava-se o plano a executar para constrianger o cabeçudo velhote a meter dinheiro no bolso e ir passar as filhas e a mulher um pouco para além da fronteira. E foi ainda a Emilita, travessa como um vivo demónio, quem teve a ideia salvadora. Era simples — um movimento revolucionário estava preparado, e faria exposição dentro de quinze dias.

De facto, um dos muitos boatos correntes, um dos muitos *canards* que andavam em vôo rasteiro pela cidade, como papagaios de cor-

del, não se vendo os garotos que os lançavam e faziam manobrar, era o duma tremenda revolução monárquica, chegando-se ao cúmulo de afirmar que D. Manuel já se encontrava muito perto da fronteira, à espera de ouvir o primeiro tiro, para entrar. Chegara-se a um definitivo acôrdo sobre qual devia ser o Imperante na Monarquia restaurada, assentando-se em que fosse o sr. D. Manuel. Caso S. M. viesse a morrer sem filhos, como o Cardeal D. Henrique, para evitar complicações, semelhantemente ao que sucedera af por 1580, seria posta a corôa na cabeça de D. Nuno, impondo-se-lhe a obrigação de não trazer para o Reino o cacete do seu avô, pesado demais como sceptro.

Começou então o inferno para o pobre homem, durante o dia a ver as filhas chorando em côro, recusando tôda a espécie de alimentação... á hora das refeições, e de noite acordando aos safanões da mulher, aflita porque ouvira um tiro de peça, ali perto, naturalmente o sinal convenicionado para a inevitável revolução monárquica.

— Sim, eu também ouvi um estrondo, pelo menos pareceu-me ouvi-lo, mas não era tiro, com certeza. Se não fôssem os boatos que andam por aí, fervilhando por todos os cantos, a maior parte da gente nem daria por êsses *tiros nocturnos*, que em geral não passam duma ilusão do ouvido. E quando são alguma coisa mais, não passam de inofensivos estampidos que se produzem com frequência, sem que alguém os ouça, em circunstâncias normais... Não me é possível, presentemente, ocorrer às despesas duma viagem ao estrangeiro. Mais tarde, se o comércio vencer a crise por que está passando... Bem sabes que não sou desmancha-prazeres, e nunca cheirci o dinheiro, aferrolhando-o como um avaro. De resto, ninguém sabe o tempo que pode vir, e foi por não ter economisado quando o podia fazer, no verão, que a cigarra foi bater á porta da formiga, no inverno, a pedir esmola.

— Visto que preferes esta lenta e continuada tortura, e não te importas que sucumbamos todos, um dia, collidos pelos estilhaços duma granada, seja feita a tua vontade... O dinheiro que poupas agora, servirá para nos enterrarem os parentes que tiverem a boa sorte de nos sobreviver.

Teve artes, a Emilita, de fazer com que o médico da casa, um dia, convidado para jantar, recaindo a conversa, como por acaso, sobre boatos revolucionários, dissesse que lhe constava de boa fonte estar iminente uma revolução feita pelos monárquicos, revolução que seria mais do que nenhuma sangrenta, porque os republicanos estavam dispostos a proceder de tal modo que as veleidades restauracionistas acabassem duma vez para sempre.

E acrescentou, a confirmar:

— Ainda ontem um colega, muito chegado aos democráticos, me disse que a coisa está para breve. O governo inculta estar ao facto

de tudo, e parece desejar que a coisa não demore.

Acabou êle próprio, o desgraçado, por acreditar na revolução, e como seja contagioso o mêdo, ainda que seja mêdo a fingir, mêdo de farça com ares de tragédia, tremia ao mais leve rumor, chegando a confundir com o tilintar das espadas o som metálico que às vezes lhe chegava da cosinha.

Talvez que não houvesse nada; mas os boatos são o fumo, em matéria de revoluções, do fogo que arde, sem que se veja, nas camadas sociais que a política, quando isso lhe convém, põe em fermentação, e que um belo dia, na hora menos pensada, rompe em línguas de incêndio, que matam sem desermiação.

Uma noite, estando a dormir profundamente, acordou soltando um grito ronco, e dando um safanão brutal na mulher, quási a pegar no sono, já fora da cama, em fralda de camisa, balbuciou, numa tremura:

— Agora é certo, e estão a fazer tiros perto daqui.

— Não, filho, sossega. O que tu ouviste não foi um tiro... Desculpa.

Era lá possível viver-se assim!

Pôs em ordem os seus negócios, levantou dinheiro do Montepio, muniu-se duma *ordem* sobre Bancos estrangeiros, habilitado para o que desse e viesse, tomou passagens no *Sud*, e uma bela manhã, tendo almoçado um bocadinho mais cedo que de costume, mandou as malas para o Rossio, e atrás delas, satisfeito porque fugia ao perigo, contrariado porque abandonava a sua casa e ia gastar em poucos dias o que ganhara, à força de trabalho, em muitos meses, acompanhado da mulher e das pequenas, seguia êle, desejando não encontrar pessoas a quem tivesse que dizer adeus, pondo-as ao facto da sua fuga.

Apareceram na *gare*, para o bota-fora, três ou quatro amigos dos mais íntimos, entre êles o médico da casa, a rir-se, desejando boa viagem, e que fôssem descansados, que êle informaria das ocorrências dignas de registro.

— Não há de haver nada, se Deus quiser. Os boatos já são uma coisa com que muita gente se entretém e quási ninguém se assusta.

A turbulenta Emilita, assim que o combóio se pôs em marcha, deitando os braços ao pescoço do pai, com infinita doçura:

— Hei de contar-te uma coisa, na volta, mas hás de prometer-me que não te zangas comigo...

Silvou a máquina ao sair do túnel, e um grande rôlo de fumo branco, dispersando-se no ar, parecia uma névem de lâ cardada através da qual se lobrigasse o céu, muito sereno, muito azul, muito límpido.

EM VILA FRANCA DO CAMPO

(ILHA DE S. MIGUEL)

Sim senhor, isto é que se chama dia de chuva! As cordas de água, varridas pelo nordeste, riscam de alto a baixo a penumbra. Na sua obliquidade regular lembram os fios da urdidura nos trabalhos caseiros da tecedeira. O meu primeiro domingo de S. Miguel faz-me refletir na probidade daquele aforismo continental em que a sabedoria do povo nos afiança: «quando Deus quer, com todos os ventos chove...» Com todos os ventos e com todas as estações. Segundo a letra do calendário encontro-me a esta hora sob o benéfico signo da Virgem, a Virgem sentada em fôfo cochim, a abanar-se à palma da fortuna e a sacudir cá para baixo os calores que fortalecem searas e sazonom frutos. E mais, — lá o diz a letra — hoje há céu limpo e temperatura alta: tudo correspondendo à indole do mesmo signo. Além disso, na certeza plena da canícula, manda-me mergulhar de alporca as craveiros e tirá-los do sol...

Mas de que sol, senhor almanaque das petas?! Isto não é sol, é chuva! Isto não Agosto, é Dezembro! E depois acuse-nos de incrédulos, se nos não dispensamos do impermeável ou do capote nos dias em que nos assegura todos os cálidos bafo apolíneos!

Não é só a chuva. O dia de hoje assinala-se por ventania própria do Inverno ou da Primavera — da Primavera, sim, a filha família mais desigual, mais caprichosa, mais histérica, mais *coquette* dos dois hemisférios.

Estou na salinha aconchegada e afável de que nesta terra e nesta casa fiz o meu retiro de leitor assíduo. Sentado em confortável poltrona de verga, tenho aberto, sobre o joelho, certo livro que me fala da história, dos costumes, das tradições, das vicissitudes da ilha. Não consigo, porém, sujeitar o espírito às leis escritas no livro. É que o espírito, apesar das suas prosápias de vidente, não vê muitas vezes senão o que lhe mostram os

guias — os olhos. E os meus olhos, neste dia captivos do espectáculo bravo dos elementos à solta, teimam em o levar para a contemplação do que se passa fora da quadra amorrável onde o Menino Jesus, no seu ingénuo presépio, de facto e de direito é Rei e Senhor.

Diante de mim rasga-se o vão duma janela. Através da janela, sem mesmo me debruçar, tenho ao aleance da vista a rua que vai dar à praia, os quintais com o milho por acólito das estufas de ananazes, e em baixo, no último plano, até aos longes confusos, o mar armado das suas ondas, o Ilheu a saír do turbilhão das espumas.

E os meus olhos, neste dia sujo de cólera e turbação, não se cançam de fugir para as arremetidas do mar.

Ah! Lá está êle, ao fundo, com as vestes enfarruscadas dos dias de trabalho, todo empoeirado de cinza, todo encharcado de suor — êsse suor espumoso e alvo só pró-

flancos, cujos interstícios ficam a vomitar golfadas de leite.

E já não são só os olhos presos das scenas dramáticas das ondas nos seus assaltos coléricos. Também os ouvidos seguem atentos a estranha sinfonia ensaiada durante a noite — em que os diversos naipes correm tôdas as oitavas, desde as da escala alta até às da escala baixa. A chuva rufa os tímбалos nas vidraças da janela. O mar bate o bombo nos rochedos da praia. O vento, músico de sete instrumentos, sopra a requinta, e o clarinete, e o fagote nos fios eléctricos, nas caleiras dos telhados, nas ramagens das árvores. E vento e mar, de colaboração, concertam essa música gregoriana que se nos afigura da floresta quando vem das águas revoltas, e das águas revoltas quando vem da floresta: — tanto é certo que floresta e mar, dois mares só diferentes na constituição orgânica das células, até na voz se parecem.

Observando e comentando, sinto-me novamente em discordância com o francês, que atribui ao mar o género feminino. Da outra vez foi nas costas abruptas da Gasconha, em dia de batalha igual à de hoje. É lá feminino, senhores franceses! ser débil, ser tímido, êste traga-mouros façanhudo, mais audaz no assalto do que todos os corséis de guerra?

Surprendo-me depois a lamentar o temporal, que não me permite saír de casa, que

não me deixa ao menos ler.

Mas, enquanto eu faço de Geremias, o camponês, o proprietário fazem de David. Esfregam as mãos de contentes, à falta de Harpa, e cantam os seus salmos de louvor a Deus — que eu bem nos ouço ali perto, rindo e falagando.

É que o milho está nos campos. E Deus Nosso Senhor, muito no trato dos campos micaelenses, alheio à rega de pé necessária aos milhos continentais, é quem por Sua tarefa providencial rega pela corôa os milhos açoreanos. Cada uma destas gotas de água



Trecho da costa da Ilha de S. Miguel

(Cliché Vitor Cruz)

prio do mar embravecido e dos cavalos ferosos nas corridas.

As nuvens desceram do céu, nadam sobre as águas; as águas irrompem da bruma como se delas directamente brotassem. E a luz que tudo isto alumia, é tão triste, tão velada... que nunca foi mais velada, nem mais triste a luz medida por véu negro de viúva.

Ondas de cinza rolam sobre blocos de carvão, na fúria de chegar depressa. Ondas envolvendo o Ilheu, meio dissolvido na penumbra da borrasca, acometem-lhe os hirtos

é mais um grão na espiga, é mais um alqueire na moenda, é mais uma acção de graças à mesa.

Ah, esperem. Agora, ao pôr os olhos no ilheu, porque também esta coisa de ler e meditar está no começar, associa a tormenta à página do livro aberto sobre os joelhos. E com o meticuloso e erudito Padre Ernesto Ferreira, autor do volume, reconstituiu o dia longínquo de Outono, Outubro em mais de meio, em que um cataclismo subverteu Vila Franca—parte da montanha esboroando-se, rolando, apagando a vila, sepultando os moradores!

Não será o Ilheu o bloco que desceu das alturas, cilindrando o mártir povoado, detendo-se nos baixios da costa?

A propósito reconstituiu em imaginação o cataclismo que destruiu a primitiva capital de S. Miguel, forçando-a à entrega da vara curul a Ponta Delgada na hora dolorosa, em Outubro de 1522: confirmação automática do provérbio que diz «guardado estar o bocado para quem o há de comer».

Ouço a voz profética de Frei Afonso de Toledo nos anúncios da desgraça. Devia ser assim, profunda como a do mar, rude como a do vento, a voz agourenta do monge dominicano.

Chega o transe fatídico. A terra treme, em rugidos de fera. O céu torna-se cobertura negra de vasto sepulcro. A montanha agita-se e larga sobre o vale outra montanha. Pelo que, os vizinhos da vila que adormeceram deixando-a no seu horto de delícias, mimosa de todos os bens temporais, acordaram, aos rancos subterrâneos, vendendo-a sepultada sob os despojos da avalanche tombada das alturas.

Mas nem ferida de desgraça lhe voltaram as costas os filhos ausentes ou os filhos sobreviventes, pois não há medo que vença ou diminua o amor ao torrão natal. Tanto que, mal os rancos se calam, apenas o solo adormece, eles aí veem todos, na ânsia de lhe acudir. Enterram os mortos insepultos. Cuidam dos vivos mutilados. Traçam novas ruas. Erguem outras casas—sem esquecer aquelas em que prestam contas ao Senhor. E dentro em pouco, dos escombros e da morte surge a vila nova, o novo povoado, com os seus muros alvos revendo-se nas floções que renascem, com as suas chaminés

algarvias publicando intimidades que se eternizam, com os seus lavradores de boa feição e trabalho certo, com as suas raparigas de olhos fagueiros e alegria sã, com as suas romarias, e os seus folguedos, e os seus des-cantantes. O Senhor, movido por tais mostras de confiança na divina misericórdia e de afecto à generosa terra do nascimento, consolidou-lhes



Lavadeiras no ribeiro da Vila (Cláudio Vitor Cruz)

os fundamentos do berço, multiplicou-lhes o leite da sua manança. Por esta forma se explica a linda vila de hoje, das mais lindas do meu repertório, provida de muitas ruas, de boas casas, de jardins excelentes, de luz eléctrica, de água encanada, e gente da melhor que vive sob o sol e as estrélas.

É preciso conhecer tal gente, meus amigos, para crer deusas que Nosso Senhor Jesus Cristo andou cá pela terra...

A considerar e a reconsiderar estas coisas verdadeiras, esqueço o drama convulso das ondas, passeio os dedos, distraídamente, pelas fôlhas do livro—os olhos cegos para o que se passa no exterior, os ouvidos surdos às imprecações do temporal.

Nisto, ponho os olhos no livro. Encontro-me no capítulo de referência às antigas invasões dos piratas. Piratas ingleses, piratas rifenhos, piratas argelinos, de tempos a tempos assolando as ilhas, semeando o terror, espalhando a morte, recolhendo prêsas. As ilhas constroem os seus fortes, para a resistência, para o ataque — e

lá se apruma em baixo a afirmá-lo, vigilante à bôca da praia, o forte do *Tagarète*. Fixo a atenção na página evocativa do último grande assalto mourisco a Vila Franca—o povo em correria desordenada refugia-se na montanha, o povo no retôrno do instinto de conservação desce a acometer o invasor, a luta travada nas ruas da vila, o sangue a correr em ribeira, a vitória a coroar os nativos...

E nada retém, ou retarda, ou afroixa as energias vitais desta rica colmeia, que do cortiço faz atraente vestíbulo da Bemaventurança, que todo o ano mantem os favos poçados de mel.

Mas... o que é isto? Olho lá para fora. Sumiram-se as núvens. Ou há núvens ainda— aqui, ali, acolá. Tão diminuídas, porém, que lembram rastos de fumo de vapor em trânsito, as do mar, as do céu rôlos de poeira dispersos na vastidão do espaço. Mas áquem e além dos rôlos de poeira o céu ostenta o brilho azulíneo das porcelanas do oriente. O sol nem se lembra de haver andado de luto. Já retomam o seu canto insistente as *galinhinhas* de *Nossa Senhora*, pregoeiras da fortuna, os grilos do dia e da noite. E o mar, há pouco encinzeirado, e tão turvo, levanta-se agora sob um azul mais

lavado do que o das próprias alturas celestes...

É isto. São assim, volúveis e efémeras, as borrascas e as vicissitudes destas terras de benção. E são assim, efémeras e volúveis, quem sabe? talvez mercê do poder do Menino Jesus, como todos os meninos incapaz de sensações demoradas. Não dêste, apenas, do que está aqui, a meu lado, a jogar a bola no seu inocente presépio:—do colégio de todos êsses Meninos, que por todo êsse arquipélago teem morada em cada lar. É dos costumes locais, ao concertar casamento, antes mesmo do bragal, do trem da cozinha, das alfaias da lavoura, aparelhar, e povoar, e alindar o seu presépio do Menino Deus...

SOUSA COSTA.

NATAL DUM POBRE

— DE — ESPÍ- RITO

Quando o Quinze entrou na cavaliariça da 9.ª, onde dormia de esmola,—o Quinze, antigo corneiteiro, velho e idiota que ficara mascote do regimento,— lembrou-se que era a noite de Natal. Estava frio. Esfregou as mãos, experimentou se podia juntar os ombros como os melros friorentos fazem às asas no ninho e virou o barrete do avêso, à procura.

— Está feito... Está feito...— resmungou.
— É sempre bom guardar um bocadinho de casqueiro para comer à noite. É? Pois é... Bem diz o 7o da 4.ª: «Oh Quinze, tu, à vez do rancho, é um no papo e outro no saco... Bem te garantos, ladrão!»

O Quinze riu. Mas, ao passar rente à baía da égua do capitão, levou a mão à ilharga e parou:

— Esta dor nas cadeiras é que não larga o velhote! Também... Têsto velho, como diz o outro, até os cães lhe açam a perna e fazem-lhe dentro o preciso. Sai, *Jóia!* Encosta!

Deu uma palmada no quadril da égua,— que ladeou, muito mansa, até encostar a garupa à baía do *Arrebenta*. O cavalo ergueu a cabeça da mangedoura e espreitou para a baía da *Jóia*. Lá para o fundo ouviam-se escarvar ferraduras.

— Encosta!

A égua, mansarrona, dobrou as mãos e chegou-se mais à tábua. Então o Quinze, pondo-se nas pontas dos pés, escarafunchou nas grades atafalhadas de luzerna e desencantou lá detrás uma marmita de rancho. Meteu-lhe um dedo e provou:

— Caldinho de macarrão, hein? Nem caído do céu! O pior é que está gelado e não sei se ainda há palha para o aquecer.

A égua seguiu os movimentos do Quinze com uma curiosidade pachorreira, e, apanhando-o esticado à saga da marmita, meteu-lhe o focheinho na algibeira esquerda do dólman.

— Eh! Tira daí a dentuça! Hoje não há nada. Querias? Bem sabes que o velhote não tem as chaves da arrecadação de sua posse. Eh, eh! Ide lá tirá-las ao quartelheiro geral! Era bom... Dorme com elas debaixo do colchão. Finório...

O animal foi rodando a cabeça, rodando, e, abrindo a bôca num dêstes esgares tão próprios dos cavalos, deitou a língua de fora, limpoi com ela o muco de uma venta e passou-a nas costas do Quinze, que lhe bradou:

— Melgueira...

O Quinze sumiu-se para dentro da loja da palha, que comunicava com a cavaliariça por uma pequena porta. Em silêncio, picado de segundo em segundo por uma ferradura mais nervosa, a cavaliariça exalava os cheiros da urina curtida e um bafo quente que saía dos pulmões dos cavalos. Do tecto pendia um lampeão.

Pá... Pá...— duas patadas no lagedo. Onze horas na torre. Depois, a corrente duma cabeçada que foi arranhando a baía num sentido, desarrauhando a baía até ficar como dantes. Um rincho a medo... A tosse cavernosa de uma égua escanzelada...

A formatura do rancho, nessa tarde, o alferes Mendes fizera a seguinte teoria às praças:

— Soldados! O dia de hoje é consagrado à Fraternidade Universal. Longe das vossas mãos, das vossas noivas ou das vossas mulheres, deveis lembrar-vos de que não há sentimento mais nobre, depois do amor à Pátria e à bandeira (que êsse deve ser o primeiro no coração dum militar), do que o amor ao lar ou à família, base de tôda a sociedade regularmente constituída. Mas deveis também lembrar-vos de que todos somos irmãos; de que há uma família a que todos pertencemos, ricos e pobres, nobres e plebeus — a Humanidade! Hoje há rancho melhorado, com vinho à descrição. Espero que não abuseis... Destroçar!

O Quinze ficara à rectaguarda da formatura, encorrilhado de frio porque não tinha capote, com as mãos atrás das costas no geito



habitual. E quando o alferes Mendes acabou a fala às massas, ergueu a mão direita, fêz-se vermelho, gritou :

—Viva o nosso alferes Mendes! Viva o Menino Jesus!

O Quinze voltou à cavalaria com uma mancheia de palha, fêz um montinho com ela em frente da baia da *Jóia* e, acendendo uma mecha no lampião, largou fogo ao montinho debaixo da marmita. Com duas cavacas meio ardidadas pôde entreter a fogueira até o caldo aquentar.

—Agora, toca a aquecer a barriga, velhinho... Caldo e casqueiro. Queres melhor?

Mas, ia a levar à bôca uma das primeiras colheradas quando viu, ao pé do monte de estêrco que estava a curtir a um canto, um grande rato que dava uma carreirinha e ficava parado a guinechar.

—Querem ver? Querem ver?...

O rato parecia aflito. Largando a marmita, pé ante pé, o Quinze chegou-se para o estrume, deitou a mão a uma corda que estava cravada na parede. Mas, ia atirá-la ao rato com tóda a fôrça que tinha quando viu que o bicho não era igual aos demais. Com a corda ao alto, transido, o Quinze foi recuando e vendo o que sucedia. A medida que o rato avançava ia crescendo a coisa estranha que debaixo do rabo lhe nascia. O que era?

O Quinze estava passado. Sempre recuando, a corda encostada ao barrete em atitude agressiva, viu então que a ratazana parava e escolhia entre o estêrco um ponto mais geitoso. Era uma covinha formada por palhas empastadas no que os cavalos dejectam, e,

sob as patinhas crispadas do animalejo, após três movimentos, ficou com o arredondado e a fofa lisura dum ninho. Bicho e Quinze olhavam agora um para o outro: o Quinze, corda no ar, com mêdo aparvalhado; a ratazana com um olhar miúdo e aflito, um olhar de dois olhos sôfregos e maternais.

—Querem ver...—disse o Quinze.

A corda cafu-lhe das mãos, e, de susto, a ratazana largou três grandes guinchos e qualquer coisa lhe safu de trás a mexer. No estêrco havia uma vaga nódoa de coisas acinzentadas e moles.

O Quinze curvou-se. Tinham caído três

morganhinhos no estêrco e o ventrezinho sórdido da rata arfava, arfava...

Ouvia-se a *Jóia* relinchar e dava meia noite na tórre quando o Quinze se lembrou do Natal e de restos de uma oração que foi dizendo com algumas palavras idiotas :

—Bem dita seja Nossa Senhora, seu bemdito Filho o nosso rico Menino Jesus, o regimento e tódas as pessoas de familia dos senhores officiais. Nosso Senhor nos ampare a nós todos e se lembre de nós à hora da morte! Viva o Menino Jesus!

VITORINO NEMÉSIO.



O P O B R E

— DE — PEDIR

Uma velha vê passar aquelle pobre extraordinário e todos os jornaleiros dão em esperar por Ele. Espera-o o do Crasto que aos oitenta anos, depois de entregar a terra, torna a servir como moço, e aquella velha coada de lágrimas que se queixa da filha, e todas estas figuras que vão pelas estradas no peditório — os mendigos de barbas em farrapos e atitudes de quem não pode com a jornada...

Até que o encontram um dia ao anoitecer e não o largam.

Esperam d'Ele uma palavra que não pronuncia. Porque teimam em viver e confiar as mulheres que não podem com o carroto, e porque tem medo à morte e tanto apêgo à vida êstes molhos de ossos quási desconjuntados?

Outro dia Ele caminhava na estrada com um bando de pobres atrás, dêstes pobres de aldeia, de pau e sacola. Juntaram-se outros, fizeram roda e começaram a queixar-se.

A velha quer por fôrça contar a sua vida. E o Pobre ouve coisas balbuciadas des que não tem drama para contar, a queixa das mulheres que andam pelos caminhos e gemem pela vida fora, agüentando até caírem sôbre as cinzas frias na casa de telha vã. O jornaleiro, aquelle homem de pedra, põe-se a falar-lhe ao ouvido, e eu bem sei o que êle lhe diz... Outro, mais outro, aproximam-se como fantasmas e chegam-se para Ele. É aquela que suspira baixinho, teve vinte filhos e anda à esmola, quer por fôrça mos-

trar-lhe as gengivas duras como ferro onde moe as côdeas de pão. Queixa-se esta de futilidades ou de dias de fome, e, peor, de desamparo num mundo que parece desabitado e onde ninguém a escuta. Esta mulher é a mesma que tenho encontrado sempre e que tópo ao anoitecer com a gabela de lenha às costas; é a que mora nas Portelas encarquilhada como uma bruxa e com um frio na alma peor que o frio de Dezembro. E os filhos? Os filhos cresceram, casaram, partiram para êsse mundo. Nem se lembram d'ela. É natural.

Começam a lamentar-se todos baixinho e depois mais alto — e a queixa brada aos céus. Ouve-se sempre ainda que se tapem os ouvidos. É insignificante e imensa a queixa da velha desamparada, do jornaleiro esmoncado, do cavador que não tem pão, das figuras que rodeiam o Pobre. Na noite escorre aquelle rio sem fim e que parece sair da boca dos vivos



e dos mortos — o gemido dos que não encontram explicação para o sofrimento e que, por isso mesmo, é mais atroz. É como se os bichos gemessem e as árvores gemessem noutro mundo sobrenatural. No forno não há cõlea — e a velha geme. Queixa-se do frio que cada vez lhe parece maior e do pêso da vida que não pode suportar. Peor que o pêso do mundo é a indiferença do mundo. Queixa-se esta figura carcomida da terra que a aleija e do alvião. Todos gemem e os gemidos parece que veem das entranhas da terra e não cessam. O Pobre escuta-os: as palavras entram-lhe na alma como espinhos. Escorre sangue e não responde. Há um momento em que as cabeças se juntam esperando ouvi-lo e fêle teima em não falar. Uma estrêla solitária debruça-se sôbre a ramaria das árvores e fica suspensa a olhar para o grupo. Talvez espere também...

Só a senhora Emflia, sentada à beira do lar, com a malga na mão, para ocupar menos espaço na sua própria casa, nem ao próprio homem se atreve a queixar-se. Olha para êle com receio. O Fortunato trata-a com dureza. Mas ela talvez sinta que o homem tem razão: — só lhe deu filhos para a desgraça. E talvez a sua resignação cristã seja imensa e suporte tudo: talvez compreenda a figura do cavador que passou a vida a trabalhar de sol a sol e acaba sem pão para a velhice. Meteu sempre tudo para dentro e atravessa o mundo em silêncio como os bichos. Todos teem voz na casa, menos aquela sombra atrás do forno. Passou a vida por ela, e ninguém a ouviu.

Nessa noite — a mais bela noite do ano — estão um em frente do outro — e a velha tão humilde e tão trapo que o Fortunato emudece também. Ela nem se atreve a olhá-lo e as lágrimas caem na tigela do caldo em que não toca. Os filhos abandonaram-nos e estão sôzinhos no mundo. Fora sente-se o pêso do luar sôbre as telhas. E êles calados como se estivessem mortos. Passos na cira. Batem à porta.

— Outro «probe» — diz o moço do gado.

Entra o Pobre de barbas em farrapos e pau na mão e com o Pobre entra pela porta aberta o jôrro branco e gelado da noite, cheia de estrêlas a reluzir como vidro moído. A noite



tem um sentido. A noite é outra vida que nos reclama e quer impôr-se. Mostra-nos perdidos da solidão infinita que não nos distingue dos bichos nem das árvores. A êste cáos opomos nós o mundo que construímos, aquele em que Dens nos ouve e nos atende.

— Sente-se.

Senta-se o Pobre e ceiam à volta da lareira o caldo e o pão. Depois esperam sumidos no escuro. De quando em quando um dêles atira para o lume braços da poda e logo a chama ilumina a fogo as figuras engrandecidas e arrancadas à realidade mesquinha para uma vida mais trágica e maior. As mãos ôsscas e

enormes, as figuras sêcas e tismadas, de que desapareceram todos os traços inúteis, exprimem resignação e dôr, — saem da terra e bradam aos céus, — e, a fisionomia do Pobre, o cansaço de quem correu as estradas do mundo com a sacola às costas, sempre a pedir: só os olhos, lá para o fundo das orbitas, parecem fusilar com um clarão estranho... Mas já a labareda abrande e a escuridão os leva.

Fora do casebre a noite imensa e gelada, com rodilhões sôbre rodilhões de mundos indiferentes e inúteis povoando o espaço infinito. Dentro desamparo.

— Nasceu o Menino!

— Se Jesus outra vez viesse!...

E põem-se todos à espera.

Há que tempos que os pobres o esperam! Mesmo antes de Jesus nascer já o mundo o sentia e esperava. Não o conheciam e esperavam-no. Não o podiam prever, mas no fundo das almas doloridas havia uma ânsia enorme, um latejar extraordinário de sonho, e o mundo soltou um ah! sufocado de espanto quando fêe surgiu para a vida. Jesus nasceu, Jesus prégou aos homens, Jesus morreu na cruz, e os pobres teimaram em esperar que voltasse. Quem sofre espera sempre, e não há forças humanas que consigam arrancar esta fé radicada do coração dos desgraçados. Prometeu vir como um ladrão nocturno, e esperam-no. A volta da lareira, na noite de Natal, também êstes seres humildes, como os outros já sepultos e dispersos, fartos de revolver a terra, esperam que Jesus lhes apareça e com fêe o fim da dor. Eu também o espero. E êste acto de esperar contém uma belesa sem igual, é uma afirmação extraordinária diante da Natureza e do acaso, do absurdo e da morte.

— Nasceu Jesus...

— Se êle outra vez viesse!...

O silêncio aumenta á medida que o lume se apaga. Sente-se o seu pêso, e sente-se também o do céu coberto de estrêlas — cada vez mais estrêlas, rebrilhando e refulgindo a carregar sôbre o casobre. Sente-se que o pêso do luar vai reduzir as paredes a estilhaços. A pocira escarlata do borralho só ilumina as mãos do Pobre, entorpecidas e geladas. Que po-

bre! Com a sacola pousada ao lado, farto de bater de porta em porta a tôdas as portas e repellido talvez, talvez ultrajado. Como êle irão amanhã pedir aos mais ricos uma malga de caldo e um pedaço de pão. A senhora Emília suspira ansiosa.

— Jesus não vem...

Suspira baixinho e dorido quando sente no escuro a mão do Fortunato que procura a sua mão, e aquelas calosas e deformadas, duras como pedras, apertam as suas sem dizer palavra. Então suspira outra vez mais alto. O seu homem ama os filhos. Estão ali unidos como um ser na vida e na morte. A noite não pode nada com êles. Estão ali unidos ao Pobre. Está o velho amargo, o moço e a senhora Emília, que nunca se queixou, e o seu silêncio vale um mundo — é um mundo de resignação e de humildade — dê dever cumprido todos os dias até à cova, com

obstinação e amor. Também o Pobre se cala — silêncio tremendo diante do silêncio humilde.

— Jesus não vem — repete o moço no escuro.

Toma o Pobre o cajado e antes de partir para sempre com a sacola às costas ergue-se e beija a senhora Emília. Beija-a na cabeça pela vida que curtiu, pela vida que os espera! E beija-a sobretudo pelo silêncio. Outra vez ao abrir-se a porta a noite imensa e trágica, com os seus mundos infinitos, entra por aquelas paredes, cheia de outra vida desconforme, de uma vida desconhecida e indiferente. Mas nem o Fortunato nem a mulher dão pela noite. Tem consigo não sei que harmonia extraordinária, não sei que paz maravilhosa — como se Jesus efectivamente tivesse ressuscitado e o tivessem presente. Respiram baixinho, como se pela primeira vez respirassem, opondo à desgraça uma força maior, opondo àquela vida esplêndida e brutal, que duas vezes nessa noite lhes entra pela porta dentro, com o luar, as estrêlas e os mundos incógnitos, outra vida maior e mais profunda.

— Êste pobre quem é?

— Êste pobre não sei... é um pobre de pedir — diz o Fortunato.

Ninguém o conhece. Mas a senhora Emília, que dêles todos é talvez a que mais tem amargado e sofrido, explica logo:

— Deus é um «probe» de pedir.

RAÚL BRANDÃO.



(Desenhos de Carlos Carneiro)

DOIS RETRATOS DESCONHECIDOS

O advento das ideias do liberalismo, produzindo um completo desequilíbrio na personalidade dos povos meridionais cuja psicologia se lhes opunha completamente, deu origem, entre nós, a situações de comédia e drama que seria curiosíssimo estudar, pôr em relevo à luz dos documentos e da análise desapassionada dos factos. Cremos não ter havido, em todo o longo percurso da Humanidade, soberanos mais perseguidos e desgraçados que os do período constitucional, cabeças irrisoriamente coroadas de fictícia e dolorosa soberania, pobres seres de carne e osso às quais mais houvesse pesado aquele *duro officio de reinar* de que fala um dos nossos clássicos! Transformada a suprema autoridade em simples máquina de assinar decretos forjados na tumultuosa oficina dos Parlamantos, ao sabor de consciências de ministros, de interesses e de compadrios vários; criada a faculdade da oratória no seio da chamada representação nacional e arvorado, portanto, o mais ignorante dos eleitos em censor do que não percebia, os reis e presidentes de República entraram nos domínios do ridículo, do obsoleto, do desprezível e, — mal-aventurados! — começaram a ser os bonecos, os rodriguiños da grande Feira do Constitucionalismo. A sinceridade das instituições, o desinteresse dos adeptos das ideias novas consubstanciou-os o povo na cegarréga inventada pela sempre fecunda musa das revoluções:

*Dando brá e um tostão,
alva a Constituição!
Dando só um tostão,
morra a Constituição!*

E os soberanos e presidentes de República tão inúteis ficaram, tão irrisório se tornou o seu papel que, ao vê-los, não faltaria quem se lembrasse de certa história célebre e popular: a daquele rei que os súditos levavam em procissão, rodeado de respeitos e zumbais, segurando-lhe o manto, sceptro e corôa hipotéticos, no meio do mais imponente silêncio...

...até que um garoto das ruas se lembrou de gritar numa convicção imensa:

— Oh rapazes: olhem que o Rei vai em pélo!...

DE
D. MIGUEL I
O LIBERALISMO E
OS CHEFES DE ESTADO— CAMILO
E D. MARIA II—
OS GRANDES
CALUNIA-
DOS

Dois soberanos nos interessam particularmente nesta ocasião, cada um deles corporizando ideias em absoluto antagónicas mas

ambos êles vítimas da sua época e a ela sacrificados impiedosamente: D. Miguel I e sua sobrinha D. Maria II. Os políticos, os panfletários, os pseudo-historiadores, os literatos, os diplomatas disseram dum e dontra o melhor e o pior que se poderia dizer e escrever e, valha a verdade, o Liberalismo comportou-se perante D. Maria II — a Senhora Dona Maria da Glória, Princesa do Grão Pará, como, num tom de ironia, lhe chamavam os legitimistas! — com uma crueldade inaudita, lembrando o mito de Saturno, o Deus que devorava os filhos... D. Maria II, que foi uma excelente senhora, um perfil de mulher e de mãe digno do maior respeito, por mais duma vez foi alvo de ataques e diatribes violentíssimas: haja em vista Rodrigues Sampaio — o Sampaio da *Revolução* — e Camilo, que a encheram de lama e lhe arrastaram a reputação pelos mais vis enxurdeiros da letra de fôrma... Camilo, então, excedeu tudo quanto se poderia imaginar e entrou resolutamente pelos domínios da calúnia mais miserável,

sem respeito nenhum pelas altas qualidades de mãe e de esposa que concorriam na filha desse enigma pouco simpático que foi D. Pedro I, do Brasil... Recordar *O Caliche* é ter presente uma das mais sujas e tristes páginas do grande escritor vibradas contra a pobre soberana que toda a sua vida — desde muito pequenina! — andou jogada por todos os interesses e conveniências do Liberalismo. Nessas páginas, célebres mas pouco recomendáveis — quer literária, quer historicamente — a misera rainha é apresentada como uma autêntica Messalina, atirando-se doadamente para os braços de Costa Cabral — o *Valido*, como a rúbrica lhe chama — e tudo sacrificando a esse amor criminoso: a dignidade própria e os interesses do povo. É uma autêntica infâmia, digamo-lo sem reboço, esse artigo que o pretense, o risível miguelismo de Camilo atirou para as páginas de *O Nacional*: é mais um daqueles panfletos que se viu o advento da pretensa soberania do povo atirar contra os reis atacando-os naquilo que de mais sagrado possuíam: a sua honra. Mas a arma



D. Miguel I em 1833. — Retrato de autor desconhecido

(Colecção do dr. Álvaro Maia)



D. Miguel I em 1828. — Retrato de autor desconhecido (Coleção do Dr. Álvaro Maia)

era certa por se dirigir à grande porção de besta que existe em todos nós... E não sabemos se, já volvidos tantos anos sobre a Patuleia, a revolução de Setembro e as tristes páginas de Camilo, ainda aí haverá quem suponha verdadeiras as arguições lamacentas do grande romancista, a pesar de, nelas, nem uma só parcela haver sincera e verdadeira!

Com D. Miguel I o caso foi idêntico, apenas havendo a registar que sua sobrinha poderia, se quizesse, fazer pagar caro aos sen caluniadores o excessivo comprimento da língua: D. Miguel, porém, abandonado, destronado pelas ideias novas e pelos interesses em jogo das potências — para as quais Portugal se havia tornado um pingue mas lamentoso protectorado! — D. Miguel I, iamós nós dizendo, nada podia fazer e só o tempo, corrector necessário e implacável de todos os

erros, viria muito depois a sacudir de cima da figura do pobre soberano os montões de imundície com que o alvejaram... Temos aqui diante de nós a copiosa bibliografia que o Liberalismo vibrou contra D. Miguel e os seus partidários: cuidadosamente a compulsamos no fito de encontrar uma discussão séria, uma análise fria e desapaixonada das ideias que o vencião de Évora-Monte personificava. Debalde! Os inimigos da ordem antiga não aceitam quasi nunca a discussão a dentro do campo dos princípios e toda a sua argumentação vai contra o homem, contra o ser humano e desgraçado que corporizava esses princípios. A sua vida desde criança, o seu papel na Vilafrancada, na Abrilada, em Paris, em Viena de Austria e depois em Portugal de 1828 a 1834, tudo isso é romaneado risivelmente, dando ao pobre moço um papel de ogro, de monstro, de tão egrégio patife que, uma pessoa de mediano bom senso, perante a absoluta carência de provas, a veemência apaixonada da acusação e a ausên-

cia completa duma discussão de princípios, fatalmente será levada a duvidar da sinceridade e do valor histórico de tais documentos. Lembrar-se a gente de que, até houve quem se lembrasse de emprestar a D. Miguel uma tendência invencível para esquarterjar gatos... e para meter saca-rolhas no ventre de galinhas vivas a fim de lhes tirar as tripas!... E lembrar-se a gente também de que todas estas misérias foram acreditadas e postas a correr mundo!... Afinal, o expediente não era novo e produziu com o exilado de Bronnbach o mesmo efeito que, em nossos dias, havia de produzir com certo presidente da República ao qual, sem base nem provas absolutamente nenhuma, se assacou a prática do mais vergonhoso e miserável de todos os vícios em que pode cair um homem!...

Mas, essa fúria de destruição moral, esse torvo desejo de denegrir uma figura, incontestavelmente notável e simpática de moço português, essa fúria e esse desejo tiveram a contrabalançá-los uma adoração sem limites por banda de legiões de amigos e partidários. Se exceptuarmos D. João VI cuja iconografia é copiosíssima, ou antes: se levarmos em conta a exígua duração do reinado de D. Miguel I, veremos que nunca um soberano foi tão amado e querido por parte dos seus súbditos.

A iconografia miguelina é formidável: os retratos a óleo, as gravuras em aço, em cobre, em madeira, os altos e baixos relevos, as estatuetas, os bustos, as litografias, as fotografias, os esmaltes, etc., pululam, são innumeráveis, constituem o desespéro de quem ambicione colecções completas e consubstanciam a idolatria que cercou o filho de D. João VI, idolatria que foi até ao cúmulo de se pedir licença ao patriarca para acender luzes, no oratório, ao retrato de D. Miguel. Iconografia copiosíssima e entre a qual sobressai o maravilhoso retrato de Queluz, a ela pertencem os dois formosíssimos retratos a óleo que a *Ilustração* hoje arquiva nas suas páginas, e os quais são absolutamente inéditos, de autores desconhecidos e apresentando dois aspectos curiosíssimos do célebre e desventurado Príncipe: em 1828, a quando da sua elevação ao trono, e em 1833, a poucos meses do seu segundo exílio, do qual não mais voltaria.

ARIEL.

AFONSO LOPES VIEIRA

O GRANDE POETA
E GRANDE ARTISTA

ESCREVEU E DIRIGIU

O AFILHADO DE SANTO ANTONIO

FILME DE ARTE INTERPRETADO POR CRIANÇAS DA SOCIEDADE

O TEMA DO FILME FOI INSPIRADO NUM CONTO POPULAR PORTUGUÊS. A PARTE EM QUE A ACÇÃO DECORRE NA CÔRTE FOI CINEGRAPADA NA QUINTA DOS CONDES DA TÔRRE, EM S. DOMINGOS DE BENFICA, PROPRIEDADE DE ALTO VALOR HISTÓRICO E ARTÍSTICO, CUJOS SCENÁRIOS NATURAIS PRODUZIRAM MAGNÍFICOS EFEITOS



SCISMA DA PRINCESA

OS INTERPRETES DÊS-TE FILME, QUE SE PODE CONSIDERAR MARCANTE EM QUALQUER PAÍS DOS MAIS ADIANTADOS NA PROCURA ARTÍSTICA CINEMATOGRAFICA, FORAM CRIANÇAS DE AMBOS OS SEXOS, A MAIS VELHA DAS QUAIS CONTAVA ONZE ANOS, DEMONSTRANDO TODAS TALENTO, E APTIDÕES DE VERDADEIROS ARTISTAS



LEITURA DO AMADIS NA GRUTA E TANQUE DOS SS

(Cinegrafia de Artur Costa de Macedo).

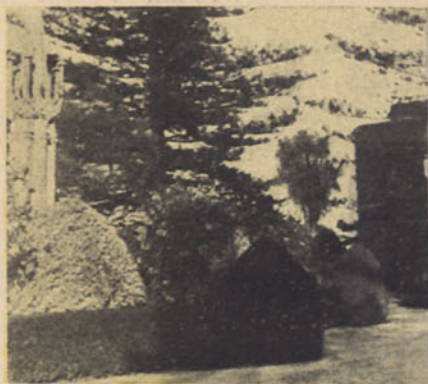
A CASA PORTUGUESA

A QUINTA DO SALDANHA EM SINTRA

MENOS VISITADO QUE OUTRAS PROPRIEDADES MAIS CÉLEBRES DESTA EXTRAORDI-



NARIA TERRA, ESTA QUINTA, COM SEUS CAMINHOS SOMBRIOS E FLORIDAS ALAMEDAS, PARECE GUARDAR COMO UM SEGRÊDO TODO O ROMANCE DA ÉPOCA EM QUE PELO GRANDE MARECHAL FOI FUNDADA



(Clichés obtidos com máquina

«Kodak» autográfica)



MARAVILHAS DO MUSEU DO PRADO (MADRID)

SANCHEZ, COELHO
A INFANTA D. ISABEL EUGÉNIA



*Herz, mein Herz, sei nicht beklommen,
Und ertrage dein Geschick.
Neuer Frühling gibt zurück,
Was der Winter dir genommen.

Und wie viel ist dir geblieben,
Und wie schön ist noch die Welt!
Und, mein Herz, was dir gefällt
Alles, alles darfst du lieben!*

H. HEINE: BUCH DER LIEDER.
Die Heimkehr, n.º 48.

ABERTURA EM CINZENTO MAIOR

Pesa bem, oh minha pobre alma, tóda a sem-rasão imensa do teu viver!... Saudades tamanhas porquê, se tudo, afinal, se resume na correria para a Morte? Se nada, meu Deus! pela palavra nada, a gente pode lucrar com os vãos esforços para deter o tempo? O que importa, sim, é aproveitar bem os dias, colhêr as migalhinhas de felicidade que sobrenadam à toma dos momentos fugidios... *Carpe diem*, ensinava a epicurista sabedoria do poeta latino!... Saudades? Saudades, para quê? A saudade é um manjerico lustroso e recendente que tu, oh minha pobre alma, pões à janela do coração: quando sobre flete de debruços encandeiam-te a mentira, o encantamento falacioso, um véu de lágrimas sorridentes que, depois, se transformam num choro alto e desgarrador ao constatares a carreira louca, as upas e galões vertiginosos em que os corceis do Tempo nos vão distanciando da clara luz do sol e nos aproximam da noite sem fim! Saudades? Recordações? Valerá isso, por acaso, a pena se tudo não passa, afinal, de painéis crepuscularesmente coloridos pela Morte?

Ter saudades é adormecer no caminho da Vida; considerar apenas o presente e o futuro, é seguir bem desperto... Pobre alma! estou a ver que ficarás eternamente adormecida!...

MISSA DAS ALMAS

Quatro e meia da manhã... Céu fechado, impenetrável: cai uma neblina espessa e húmida que os lampeões da rua mal conseguem romper. Silêncio, escuridão, vidros embaçados, pela mornidão do ambiente. Dorme o prédio todo; ouve-se na rua o tairocar duns sócos, o bater dum portal que se fechou... Minha mãe toma na sua mão amorável a minha mãozinha. Saímos para a rua, deserta, húmida e escura; sigo, todo enroupadinho, a seu lado, transpondo a passo mudo ruas e travessas que, àquela hora, são formidáveis boqueirões de sombra... Choram as águas nos jardins, caíndo nos tanques solitários... Passam por nós fantasmas, soprando nos dedos com frio; são os operários que seguem para o trabalho; deslizam pesadamente e com um ruído cavo, carroções de bois atulhados de verdura que vão descarregar à Praça da Pigueira... No ar, húmido e frio, pairam badaladas: chamam para a Missa das Almas no Socorro, na Pena, em S. Miguel, na Graça, em S. Luís Rei de França... Trepam os degraus — que uma luzinha débil, vinda pelo guarda-vento, escassamente alumia, — sombras embocadas e friorentas... Em redor de nós, implorativas, lacrimosas, insistentes, pairam badaladas...

Entramos. Meia treva... Pouca gente. Sigo, numa atrapalhão, agarrado às saias de minha mãe, topando aqui e acolá... Do lado direito um altar, velas acesas piscando, charriscando, vacilando na meia escuridão. Tosses... pigarros teimosos... Já o padre subiu ao altar... Vamos pedir pelas almas... «Hoje por vós, amanhã por nós!...» Mal percebo ainda o que seja a grande tragédia do Homem: nascer, pecar, morrer, pentar!... Mas minha mãe diz-me que é preciso rogar a Deus pelas Almas para que se lhes aliviem as penas... Roguemos pois por elas, nesta indecisa ante-manhã que é a infância do dia e da existência!

Balbuco e oiço balbuciar orações... Tilinta uma campainha ao pé do altar: curvam-se os fieis, agitam-se as sombras que envolvem a igreja... Tilinta novamente a campainha... Tilinta mais vezes... Uma débil claridade vem irrompendo insensivelmente pelas janelas e frestas...

...Mas, dentro da minha cabecita infantil, descuidosa das tragédias da vida, uma idéa aveoja, bate asas com insistência, como borboleta dourada, presa nas quatro paredes d'uma caixa... Olho, cheio de cubiça, a mala de mão que está pensada no regaço de minha mãe... Bstão ali dentro duas fatias de pão com manteiga, muito bem embrulhadinhas e atadas com uma fita de seda...

Está terminada a missa das Almas. O padre volta-se a dá a benção. Pelo guarda-vento começa a entrar uma luz cinzento-azulada... Rompeu o dia. Saímos. As ruas, ainda estremunhadas,

vão-se animando. Clarões de ouro e purpura listram o céu. Preamar dos que passam para o trabalho!...

Puxo pela manga de minha mãe e exijo a paga da minha devoção. Recebo as fatias... Passo um vaqueiro: «chêga lá Bonita, chêga!» E minha mãe dá-me também um copo de leite coroadado de espumas: esta minha devoção tem sido hoje rendosa!...

É no sabor do leite e as fatias, não sei porquê, acreditado que, naquele momento, também Nossa Senhora anda distribuindo às benditas almas do Purgatório copos de leite e fatias de pão com manteiga!

PAISAGEM RIBATEJANA

Vem aí os toiros!... Vem aí os toiros!... Pela vila inteira — a fidalga e toureira Vila Franca de Xira! — vai uma algazarra de ensurdecer. As ruas estão cheias de rapazito que grita, bate em painelas velhas, toca buzínos, esboça correrias e geltos de cair na armação do primeiro boiante que surgir. As varandas e sacadas estão a botar por fora: há cachos de gente encarrapitada nas árvores e nos muros... O barulho é de respeito, a barafunda extraordinária!

Ouve-se já distintamente a tropçada dos cavalos e das feras. Lanço os olhos, enamorados da cor e da alegria, por todo aquele espectáculo de saúde e força: deixo-os circunvagiar pela paisagem e voltam maravilhados... Ah meu Deus! meu Deus!... como é lindo, como é lindo este panorama das ribas tejanas, todo ele marcado a branco e verde: — o branco de neve das salinas, moinhos e casalejos; o dicionário de verdes incoitáveis da sua plébrica vegetação!... Cheira a terra húmida sob a rosa do sol; cheira a resinas de pinheiros e eucaliptos, a fentos cortados...

— Vem aí os toiros! Vem aí os toiros!... Lá vem, lá vem!...

...Do extremo da estrada avança para nós uma nuvem de poeira amarela... Mal se distinguem, a principio, os vultos que a compõem. Mas, súbito, começa a precisar-se a tremenda algazarra... Vem à frente umas hoste de marialvas, bifurcados nas selas e evocando o mito helénico dos Centauros... Depois o boi de guia, entre dois campinos... Já se distingue, já se distingue!... O ar estua, ferve, retróia; o sol enche de ouro as rounpinhas azues, vermelhas, verdes, brancas, amarelas... Já se vê a mancha de bronze dos toiros, devorando o caminho sob o aculeo de aço dos pampinhos... E agora distingue-se também a massa variegada e rija dos campinos, carapuça vermelha ao vento, jaléco de pano azul com botões dourados, calção cinzido à coxa, com fechos de prata, cinta espargindo a sela de cadilhos escarlates, sapatos ferrados com esporas de prateleira... Avançam, avançam sempre... e entram, como uma tromba formidável, pelas ruas da vila... Desaparecem...

Um dos toiros tresmalhou-se e há marcada a granel. Agora a rua é uma autêntica praça de toiros!... O rapazito anda pelo ar: um dos toureiros improvisados encontrase de repente, sem saber como, pendurado da pedra d'uma varanda... Garga-





lhadas... Apupos... Algazarra... Painelas que são como matraca, sol a jorros, toda a leziria em festa...

Da estrada surgem dois campinhos, pampinho em riste... É o boiante, farto de marrar, lá segue a ajuntar-se à fraternal manada...

ÉCLOGA QUASI PASTORIL

Chamava-se Glórinha — Maria da Glória, uma sua criada! — era morena, linda e cheirava a peixe que entontecia... Viera de Rstarreja, de fihavo on, quiã, da Murtosa; era alta e esbelta como as garças do rio sagrado, tinha os olhos verdes de Joanninha, sãia castanha e preta de castorina, de grande roda; avental de riscas, escarcela bordada, e o peito às ondas, sob a camista branca e os grilhões de ouro que se lhe enroscavam no pescoco boledo... Chamava-se Glórinha e a sua vózita de cristal dir-se-ia a dum rouxinol que se lembrasse de fugir à Sexta Sinfonia para vir apregoar vivinha da costa, on lulas p'ra tijelada... A Maria Barrantos ao vender as notas triladas do Rondô da Lucia, o que era ao pé da minha Maria da Glória — a Glórinha peixeira, uma sua criada! — quando ela me impingia carapau ardido ou marmotas assopradas com mestria? Não era nada, juro-lhes! A Glórinha valia muito, muito mais!...

Um dia, — era infalível — apaixonei-me por aquela musa da Ribeira Nova. O meu futuro estava ali... O seu amor e uma caldeirada à fragateira; os seus braços morenos e postas de peixe-espada frito, reclinadas nos folhos verdes das fresquíssimas alfaces frisadas e belo vinho do Cartaxo — senhores: que lindo sonho de amor!...

Decidi-me. E, em certa ocasião, ao bater-me à porta a lindíssima poetisa do carapau de guto — canastra à cabeça e um sorriso gaiafíssimo — vi-lhe, nos dentes de neve, uma viçosa rosinha vermelha.

— Dás-me essa rosinha, Maria da Glória?
— Levo chocos p'ra tijelada, besngo, pargo e carapau de Cascais...

— Dás-me essa rosa Glorinha?
— Isso também eu queria!... Vai ou não vai alguma coisa cá da canastra?

— Quando nos casamos, Glorinha da minha alma?
— Isso também eu queria!... Olha o pingente!...

— Pingente? Tu chamas isso a um rapaz tão azadinho como eu?
— Tanto melhor...

— Impossível Glórinha!...
— Ai não, brinecas!... Se éle lhe desse uma

trombada a vocemecê, vocemecê sumia-se!...

— Isso agora é que também eu queria!

— Olhe: é o Manuel da Galé; anda na descarga do carvão...

— E tu gostas d'ele, Glórinha?

— Pois!... Ainda a semana passada me deu uma côga que estive três dias de cama!...

Desisti!...
PASSA A DILIGÊNCIA!

Aqui para nós — coração na mãos e alma contristada! — que saudades eu tenho da diligência do Vinagreiro!... Recordo-me, como se fosse hoje, da primeira vez que trepei à imperial d'esse andar rústico e viajero, nas longas jornadas de Ponte do Lima — a formosa — até Braga, a vetusta e arquiépiscopal cidade de meus avós!... Foi em Ponte do Lima, aí ao romper de certa manhã cheia de glória... Frente à estalagem, no luseo-fusco da manhãzinha, a aragem fria, na qual os campos e serranias tinham entornado urnas de perfume, desafiava os copinhos de bagaceira e fazia tremular nas mãos em concha o lume chegado aos cigarros fortes. Já cá estava fora a diligência, enorme carroção de cortinas, puxado a três cavalos e duas soltas, guisalhantes de campainhas. Os mais afoitos alcandoravam-se na imperial, em cima de malas, cestos e canastras, o varapau erguido ao alto, o cigarrinho vaporando à brisa da manhã rompente. E a diligência lá seguia ao trote rítmico e tintinabulante das sete mares, no dlim, dlim, dlim! das guisças e campainhas... Que linda a paisagem minhota, vista lá do cimo da imperial!... Hoje vai-se de camiào, com os escapes estrondando como peças de artilharia e um ferrolhar estúpido de engrenagens!... Mas, n'esse tempo, quando iam na diligência do Vinagreiro ou nostras, os nossos olhos eram artistas tomando notas de panoramas extraordinários... Onvia-se a melopeia dos rios, emantilhados de neblinas cambiantes; avultavam pontes romanas, perfis de conventos e ermidas, ranchos de lavadeiras garridas... Dlim, dlim, dlim!... Dlim, dlim, dlim, dlim, dlim!...

A um lado e outro, ulmeiros enrolados de vide ofereciam opíparos topázios e ametistas: era estender a mão de ríza da imperial e colher os cachos e gaipos. Em ocasião de romaria sacava-se da viola de arame e lá seguia-mos, dlim, dlim, dlim! entre o guisallar das campainhas, a melopeia de azenhas e rios, o sussurro bucólico da paisagem esmeraldina e o zangarrear das violas nas alegres canções do Minho!

Ah, ésse presépio ingénio e patriarcal que é a terra minhota, então é que era vê-lo e não hoje, em que não há tempo para nada...
Até os nomes das vilas e aldeias pareciam rimar com os sons alegres das campainhas e guisças, dlim, dlim, dlim!... Oigam senhores: Tibães!... que lindo! parece um fim de tarde, azul e cinza, aconchegando-se no sossego do poente... Sontelo!... Vila Verde!... Taipas!... Santa Maria de Prado! São Paio de Merelim, São Jerónimo de Real!... Não onvem a melopeia d'estes nomes, evocadores de romarias e procissões, colinas aniladas, vinhedos ubérrimos, diligências cascateantes de guisças e campainhas?... Dlim, dlim, dlim!... E acodem à memória nomes que têm dentro campainhas também: Santa Marta de Portuzelo, Ponte do Lima, Cardielos, Deo Criste, Santa Leocádia, Vila Mon, Cabanelas, Tropozil... Abadim!

Onde estais vós hoje, oh bem amadas diligências que éreis o cartaz vivo e alegre das lindas terrinhas e coisas minhotas? Tudo morren, desapareceu!... O auto, estrondante e veloz, não dá tempo para ver paisagens, para ouvir o pregão suave dos ribeiros e pinheirais; para aspirar as ondas de

rústico perfume que de vós se elevam numa comovida e inútil saúdação, oh amoráveis terras do Minho, aconchegadas, como rôlas de neve, entre o folhede e os carumas!...

MOFINA MENDES ENTRE OS CIGANOS

Mofina Mendes, Mofina Mendes, oh descuidosa, oh sonhadora pegureira de vicentina memória!... Quebrou-se o pote de azeite e lá se foi o teu noivado, oh mísera e mesquinha!... Do que ésse azeite rendesse comprarias ovos de pata; cada ovo daria um pato e cada pato um tostão, o que viria a passar

De milhão e meio, a vender barato...

Somos tão iguais, Mofina Mendes!... Também a mim — em paga do excelente necrologio dum senhor excelente! — me deram um pote de azeite: vamos ambos feirá-lo, Mofina!... O dinheiro será para tu casares, rica e honrada, e bailarás depois com teu desposado no dia das bôdas, assim dest'arte bailando!... Porém, nome de Jesu! deixa a feira de Trancoso, que não conheço, e vamos ambos até Castro Verde, a Aljustrel, a Borba ou Rstremoz, eu sei! qualquer vilória alentejana, com cegonhas de remiges poderosas por sôbre o casario branco, fiseando a um sol de gema de ovo. O pote de azeite, ésse, o melhor será levá-lo eu: tu já andas enlevada no baio e o mais certo seria éle esborrachar-se na poeira da estrada!...

Vês éste deslumbramento de côr, de som e de luz? É uma feira de gado em parágens alentejanas, entre montados escuros e loiras terras de pão, num largo que rodeiam casas baixas de roda-pé de almagre, com interiores frescos e brancos, a tijolo e tella vã, barretes à vista pintados de cal... Uma crua claridade ofuscante, ofáltimica... Ambiente de forno, baforadas de vulcão, rostos vermelhos pingando suor... O calor espicaça-nos como tavões; o céu despeja fogo pelo disco amarelo do sol. A feira está no auge. Por entre churriões de toldos verdes com os varais erguidos ao alto, circulam tipos espadudados, morenos, varapau nas mãos, ao ombro a manta risada, bota de carda grossa, o chapéiro sôbre os olhos; campônios de jaleca cinzenta; pastores membrudos; campainhos de côr sezoniática e falas vagarosas; mulheres de lenços vivos e corpetes justos... Que maravilhoso espectáculo, Mofina!... Aglomeram-se os gados: há bois castanhos, patriarcaes, de olhar mausíssimo; alteres riais de nervosa, elástica elegância; machos enormes e escuros; pilecas miserandas, vitelas, carneiros — e burros, muitos



MUSEO
DO PRADO



DOMÉNICO THEOTOKOPULI
(El Greco)
CRISTO MORTO

Quando ha filhos, não

Uma d'estas manhãs, quando eu punha em ordem os mais desarrumados dos meus papéis — que são os papéis políticos — a campainha do meu telefone retiniu pela terceira vez. Era o engenheiro Paulo da Nóbrega, meu velho amigo — a quem morrera, havia três meses, uma filhinha — que me convidava para almoçar com elle, no dia seguinte, na sua casa de Cascais. Como eu hesitasse na resposta, elle acudiu logo, numa voz que me pareceu menos velada e menos triste do que de costume:

- Não pode deixar de ser. Preciso de ti.
- Está bem. A que horas?
- Almoçamos à uma. Mas tens de cá estar ao meio dia.
- Para quê?
- Depois saberás. É surpresa. Posso contar contigo?
- Podes. Até amanhã.

Pousei o auscultador, perguntando a mim mesmo que novo incidente teria surgido na existência do pobre Paulo da Nóbrega, excellent rapaz, duma sensibilidade fina e delicada, cujas qualidades morais e cujos meios de fortuna lhe permitiriam ser um homem invejavelmente feliz, se não tivesse vindo ao mundo, como tantas pessoas que eu conheço, fadado para o singular destino de complicar a vida, — a sua e a dos outros. A felicidade só se obtém por processos de simplificação, usando d'esse natural espírito de benevolência e de tolerância amável que nos leva a aceitar os homens (e, com mais razão, as mulheres) como elles na realidade são, e não como nós desejaríamos que elles fôsem. Ser feliz é saber transigir; é, quasi sempre, saber perdoar, quando se perdoa com elevação e com dignidade; e Paulo da Nóbrega, educado pela mãe inglesa na paixão do dever e no culto das perfeições morais, demasiado exigente para os outros e para consigo, mas, ao mesmo tempo, dotado de uma natureza sensível, de um carácter fraco, e, por conseguinte, incapaz de manter as atitudes de intransigência que lhe eram ditadas por uma exagerada preocupação do pundonor e da beleza moral, — criava a cada passo, sobretudo na sua vida íntima, situações dolorosas que o tornavam profundamente desgraçado e que não eram apenas de conflito com as pessoas queridas, mas de luta permanente consigo próprio e com a sua consciência. O suicídio de uma das suas amantes, a italiana Nina Poleri, a quem elle envenenara a existência numa crise de verdadeiro delírio de ciúme; o seu casamento infeliz com a encantadora Ester Navarro, filha de um judeu relojoeiro de Lisboa, morena escultural de

olhos verdes, um dos mais extraordinários tipos de mulher que eu tenho conhecido; o seu divórcio, depois de seis anos de uma vida difficil e tormentosa; as circunstâncias em que, passado pouco tempo, afastara de si a filha, única familia que lhe restava; a morte da pobre criança, de uma poliomielite, num colégio de Londres; e, por fim, a solidão em que elle vivia agora, na velha casa de Cascais, entre as roseiras do seu jardim e os livros da sua biblioteca, — tinham sido e eram ainda, pelo menos em grande parte, conseqüências da invencível tendência de Paulo da Nóbrega para azedar e complicar a vida. E o mais grave, para quem se aproximava d'ele, era que o pobre Paulo não se limitava a criar os seus dramas íntimos; procurava, pela necessidade de um apoio moral e pelas exigências da sua doentia sensibilidade, envolver nesses dramas os seus melhores amigos. Uma das suas vítimas tinha sido eu. Foi pensando nas horas amargas, quasi affitivas, por mim vividas durante duas das mais terríveis crises sentimentais do meu amigo — a do seu divórcio e a do suicídio da italiana com uma bala no ventre — eu perguntei a mim próprio, ao receber o misterioso convite de Paulo da Nóbrega:

— Que nova complicação teremos agora?

No dia seguinte, às 11 horas, já eu ia no comboio, a caminho de Cascais. Durante os primeiros cinco minutos de viagem, entretive-me a olhar o Tejo, a scintilação do rio, o friso verde das montanhas da Ontra-banda, a magestade de um paquete que vinha entrando — devia ser da *Blue Star Line* — seguido de um formigueiro doirado de escaletes e de «gasolinhas». Durante outros cinco minutos observei — com certa curiosidade, confesso — uma rapariga alemã sentada na minha frente, belo animal loiro, roliço e rissonho, que podia ter servido de modelo para as «Mulheres no Banho», de Dürer, e cujos seios redondos, adivinhando-se na transparência do vestido branco, me fizeram lembrar a frase immortal de Gavarni: «*On voit que cet être est fait pour être pris avec les mains*». Depois, como não havia mais nada interessante à minha volta, abri o *Temps* para ler as últimas notícias do estrangeiro. Mas os olhos semi-cerravam-se-me, fatigados daquela atmosfera excessivamente luminosa; tornei a dobrar o jornal, recostei-me, e enquanto ao meu lado, a toda a velocidade do «tramway», passavam as casas, as árvores,



os postes telegráficos, — fiquei pensando na tristeza do almoço que me esperava, na solidão da velha casa de Cascais, sentado à mesa onde ainda há dez meses havia risos e flores, e onde agora o pobre Paulo da Nóbrega ia receber-me sozinho, neurasténico, vestido de luto, entre duas cadeiras para sempre vazias, — a da mulher que o deixara e a da filha que lhe morrera. Nem elle calculava, decerto, o sacrificio que eu fazia em voltar ali. É sempre penoso ver desfazer um lar que nós conhecemos alegre e feliz, sobretudo quando a esse lar nos prendem recordações de affectuosa intimidade. Para mim, que tão perto vivera daquela familia, que tinha sido o amigo íntimo, o confidente desinteressado, não apenas de Paulo, mas da encantadora Ester — tão nobre, tão digna no seu infortunio! — aquela casa era um túmulo, e nas cinzas d'esse túmulo havia um pouco do meu coração. Tudo ali me falava dela, das horas de respeitosa convivência que tinha passado ao seu lado: o *Steinway* onde ella tocava, com infinita expressão, o «Prelúdio» de Scarbini; o monte de almofadas em que ella gostava de aninhar o seu corpo adorável de walkyria friorenta; os espelhos em cuja alma luminosa ella vivera; os tapetes onde pusera os pés; o largo fogão «Império», de mármore branco, rodeado de faianças azuis de Delft, — que tanto lembrava o *Blue and white*, de Walter Gay — junto do qual, afundados em dois grandes «Maples», nós passavamos horas inteiras conversando e fumando. Os «interiores» tecem a alegria, a luz, a fisionomia, a graça da mulher que neles vive: quando essa mulher desaparece, tudo se apaga, tudo perde a frescura e o encanto, dir-se-ia que por todas as coisas se espalha um vago tom de fôlha morta, — e nós temos a impressão de que entramos numa casa abandonada. A ideia de que já não encontraria ali a minha pobre amiga, faz-me pensar mais insistentemente nela. A sua ima-

gem de-
senhou-se
com nitidez
no meu espíri-
to. Tive, por mo-
mentos, a ilusão
de que a via diante de
mim, magra, coleante,
serpentina, na sua habitual
expressão de orgulho triste e
de beleza enérgica, a face pálida,
o nariz semita, os cabelos negros
penteados em bandós sobre as ore-
lhas, como os de certas *Virgens* de Ra-
fael, os olhos claros, dum brilho líquido
de pedras preciosas, mudando de cor
conforme a luz — azuis no jardim ao ar livre,
verdes de dia na penumbra do *hall*, duma
tonalidade doirada de âmbar à noite — mas
sempre calmos, frios, imprecisos, enigmáti-
cos, longínquos, olhos «de quem pensa nou-
tra coisa», de quem está permanentemente
distante do lugar onde se encontra e das
pessoas que a rodeiam, e que tantas vezes,
quando ela respondia às minhas perguntas,
tinham contribuído para me dar a impressão
de que a sua voz vinha de muito longe. Não
lhe falava havia meses, desde os últimos in-
cidentes que tinham dado causa ao divórcio;
e naquele instante, no confuso rumor da
marcha do combóio, a voz de Ester — essa
mesma voz de contralto, grave e melancólica
— parecia vibrar ainda aos meus ouvidos.
Reavivavam-se na minha memória trechos
das nossas conversas, frases inteiras repro-
duzidas palavra a palavra, a impressionante
sinceridade com que ela me confessara um
dia, passeando comigo no jardim, junto ao
maciço de rododendros cor de rosa: «Já não
posso amar meu marido!», a perfeita con-
vicção com que eu lhe respondera tomando-
-lhe afectuosamente as mãos trémulas: «O
essencial, para marido e mulher, não é ama-
rem-se, é conhecerem-se». Com efeito, Paulo
não conhecia a mulher; ela ainda o conhe-
cia menos a ele; e eu, que os conhecia muito
bem a ambos, nunca conseguira explicá-los
suficientemente um ao outro. A hostilidade
surda que se estabeleceu entre marido e
mulher, chegou um dia ao insulto e à violência.
Um, inábil demais para transigir; outra,
orgulhosa demais para perdoar, — encarre-
garam-se ambos de tornar impossível uma
conciliação. Procurei ainda convencê-los de
que seria um crime destruir, sem fortes ra-
zões de ordem moral, um lar onde havia uma
criança inocente que se tornaria amanhã — e
não me enganei! — a maior vítima do orgu-
lho e do desvario dos pais. Inútil. Ester safu-
de casa para a quinta dos judeus Mendes,
nos arredores de Vizeu; Paulo da Nóbrega
requereu o divórcio; e logo que foi proferida
a sentença, com medo de que lhe roubassem
a filha — pobres cinco anos em flor! — par-
tiu com ela em viagem pela Europa e dei-
xou-a em segredo num colégio de Lon-
dres. Poucos dias depois, a criança, que pas-
sava os dias a chorar com saudades da
mãe, morria por asfixia bulbar no decurso
duma poliomielite quase fulminante, e Pau-

lo, chamado
à pressa a Ingla-
terra, apenas tivera
tempo para apertar nos bra-
ços o pequenino cadáver e tra-
zê-lo num *fourgon* sob um montão de
flores, para terra portuguesa. Que seria
agora a velha casa de Cascais, sem o sorriso
daquela mulher e sem a alegria daquela
criança? Em que estado me receberia o meu
infeliz amigo, que surpresa me reservaria
ele, que tormento iria ser para nós ambos
aquele almoço cheio de recordações e de lá-
grimas? Embalado pela trepidação da car-
ruagem, creio que adormeci. De repente, o
combóio parou, senti a pressão morna de dois
joelhos de encontro aos meus, abri os olhos.
Era a alemã, que, já de pé para saír, balbu-
ciava, do alto dos seus seios redondos de
fraulein pudibunda, capazes de amamentar
os catorze filhos de Niobe:

— Pardon...

Tínhamos chegado. A bafa scintilava. Re-
voavam gaiótas. As muralhas da velha for-
talesa filipina debruçavam-se sobre o mar,
numa atitude humana de gigantes fatigados.
Desci do combóio e tomei o primeiro auto-
móvel que me apareceu. Minutos depois,
parava diante do portão da casa de Paulo da
Nóbrega, sólido portão senhorial do fim do
século XVIII, carregado da pedra de armas
dos Soares de Albergaria — a cruz florida em
campo de prata e o dragão volante de verme-
lho por timbre — que abria para um belo

jardim mo-
derno, inglês,
com duas ma-
gnólias gigantes a
entrada, manchas de *phlox* ver-
melhos lembrando cobres imperiosos de
Wagner, os característicos hemicírculos de ro-
sas copiados de Moor Park e de Herfortshire,
e uma larga alameda central vagamente doi-
rada como as de certas tapeçarias dos Gobe-
lins, conduzindo à casa de habitação, — pe-
sada, antiga, maciça, tumular, de persianas
cinzentas fechadas. Apeei-me. Havia à porta
mais dois automóveis, um deles cheio de flo-
res. O velho mordomo João — oitenta anos
de obscura fidelidade — veio receber-me, trê-
mulo, vestido de negro, os olhos inchados de
chorar, — mas alegre como eu nunca o vira.
Os pavões gritavam. Respirei um momento
aquele perfume, aquela frescura luminosa.
Daí a pouco, na penumbra do *hall* — a pe-
numbra doce, tão minha conhecida, do vitral
amarelo de Maurice Denis — Paulo da Nób-
rega cafu-me nos braços:
— Obrigado!

— É meio dia. Fui pontual.

— Se soubesses com que impaciência esperávamos por ti!

— Então, que surpresa é essa que me anunciaste pelo telefone?

Dois sujeitos graves, de fraque preto, que estavam sentados ao fundo da sala, levantaram-se. O grande relógio holandês de caixa tocou os minutos do meio-dia. Paulo despreendeu-se do meu abraço, titubiou, baixou os olhos, e disse por fim, sem me fitar:

— Vou casar-me, meu amigo.

— Tu?

— Estávamos à tua espera. És uma das minhas testemunhas. A outra é o meu velho procurador, dr. Quevedo, que tenho o prazer de te apresentar.

Foi tal o meu espanto, que me esqueci de cumprimentar um dos sujeitos de preto — o mais velho — excelente pessoa calva, afável, pragmática, cerimoniosa, que veio ao meu encontro, e que ficou de mão estendida, a olhar para mim. A-pesar da tendência de Paulo para complicar a vida, custava-me a crêr que, a pouco mais de um ano do seu divórcio e a poucos meses da morte da filha, êle tivesse pensado em casar-se outra vez. Mas tudo era possível tratando-se do meu amigo, que parecia ter vindo ao mundo para fazer a sua infelicidade e a infelicidade dos outros. Olhei tristemente — confesso — a face emmagrecida, os cabelos quasi brancos, a velhice precoce de Paulo da Nóbrega, que a sua natural elegância não conseguia dissimular, e foi num tom de voz quasi glacial que lhe perguntei:

— Mas com quem casas tu?

Paulo indicou, num gesto, alguém que vinha entrando. Voltei-me. O largo reposteiro de veludo verde do hall afastou-se, e uma mulher alta, ondulante, escultural, vestida de preto, assomou, com um pequeno livro-de-missa, de fôlhas doiradas, na mão. Era Ester Navarro.

— Como tu vês — disse Paulo da Nóbrega — caso-me com a minha primeira mulher...

Olhámo-nos os três num silêncio que, em mim próprio, foi de natural comoção. Com franqueza, eu tinha-me lembrado de tudo — até de uma nova paixão de Paulo! — mas o que nunca me passara pela cabeça era a possibilidade de se reconstituir aquele lar, onde só faltava agora — e para sempre! — o sorriso duma pobre criança, inocente de culpa, que fôra, afinal, a única sacrificada em todo aquele obscuro drama de família. Ester voltava ali pela primeira vez depois do seu divórcio. Pálida, quebrada de nervos, fatigada de emoções, cambaleou, e teve de amparar-se à mãe e à irmã, que a acompanhavam. Fui beijar-lhe as mãos. Diz Carlyle — e é certo — que as mulheres são «grandes silenciosas». A minha pobre amiga não pronunciou uma palavra; mas as suas mãos geladas tremiam; as lágrimas corriam-lhe pelas faces, e essas lágrimas — para mim, que a conhecia tão bem — queriam dizer, na sua dolorosa mudez: «o meu coração está contente; mas a minha consciência acusa-me, e o meu orgulho sofre!» O outro sujeito de preto — o mais novo — que, pela atitude e pela penetração do olhar podia ser o sr. Mussolini, mas que era apenas um oficial do registo civil, julgou oportuno o momento para pôr os óculos e para nos dizer, com serena gravidade:

— Estou às suas ordens, meus senhores.

A cerimónia foi rápida e simples. Logo que ela terminou, o dr. Quevedo ofereceu ao homem da lei um lugar no seu automóvel, e despediu-se. A mãe de Ester — senhora obesa, de cabelos brancos, cheia de jóias e de bom-senso — olhava a filha e o genro com um tão expressivo sorriso de benevolência, que não me foi difícil interpretá-lo: «Para se casarem outra vez, não valia a pena o incômodo de se terem divorciado». Dez minutos depois, estávamos à mesa do almoço, na tranqüila intimidade daquele interior de velho estilo flamengo, onde nada mudara — as arcas, os armários, o lampeão de ferro forjado *signé* Robert Brandt, as faianças — e onde as próprias flores, espalhadas sobre a mesa, pareciam as mesmas que eu ali deixara há um ano. Não se pronunciou uma só palavra acerca da reconciliação que acabava de fazer-se. Marido e mulher (e isso impressionou-me), não trocaram um olhar. Paulo aludiu apenas, rindo, à possibilidade de uma viagem de «segundas-núpcias» — talvez Itália e Côte-d'Azur — e manifestou o desejo de falar comigo a sós depois do almoço. Quando o criado trouxe o café, o meu amigo disse-lhe, baixo:

— Sirva na sala de fumar.

As senhoras ficaram, e nós passámos para o *smoking-room*. Sentado num dos Maples, diante do largo fogão rodeado de faianças azuis dos *platebakers* de Delft — o canto predilecto de Ester — Paulo da Nóbrega contou-me então, simplesmente, comovidamente, tudo quanto se tinha passado, a maneira porque se aproximara dela, o sentimento novo que nascera nas almas de ambos, os episódios do seu primeiro encontro, — que se diriam delicadas aguarelas românticas, verdadeiros Eugénio Lami, duma elegância triste e dum penetrante encanto. Logo que chegara a Londres, Paulo tinha mandado um telegrama à mulher comunicando-lhe que se-

guia com o pequeno cadáver para Lisboa. A comoção que ela recebeu foi tão profunda, de tal modo aquele rude golpe abalou todo o seu organismo, que Ester caiu doente com uma febre cerebral, esteve um mês entre a vida e a morte, e o entérro da pobre criança realizou-se sem que a mãe pudesse, sequer, desfolhar umas rosas sobre o seu caixão. Paulo, entretanto, como uma sombra dolorosa, passava os dias no cemitério de Cascais, junto do jazigo onde repousava o corpo da filha, e, cheio de piedade pela desventurada mulher, que sofria, naquela hora, uma dor igual à sua, escrevia para Vizeu, a informar-se directamente do seu estado, e aconselhava-lhe, por intermédio dos judeus Mendes, serenidade e resignação. Um belo dia, recebeu, expedido da véspera, um telegrama que o sobressaltou: «Ester segue para Lisboa». A pobre mãe vinha, como era natural,



rezar e chorar sobre o túmulo da filha; e Paulo, coração sensível, compreendeu que tinha o dever de respeitar a dor dessa mulher evitando qualquer encontro com ela no cemitério. Durante alguns dias, em vez de fazer a sua chora de ciprestes, ficaria em casa, entre os seus livros e as suas flores, absorvido na saudade do anjo que perdera. A ideia, porém, de que, naquele momento, Ester poderia estar perto dali, a dois passos d'ele, ajoelhada na sepultura duma criança a que ambos tinham dado a vida — e talvez a morte! — murmurando o mesmo nome, chorando as mesmas lágrimas, começou a inquietá-lo e a perturbá-lo. «*Vouloir oublier quelq'un, c'est y penser*». Quanto mais procurava afastar de si a imagem dessa mulher, — mais a via, mais a sentia inexplicavelmente presa à sua alma por novos laços que, na confusa situação sentimental em que se encontrava, não percebia bem quais eram. Razões de prudência, de bom-senso, de delicadeza moral, aconselhavam-no a não ir nesse dia ao cemitério; mas uma vontade mais forte do que a sua impelia-o, e Paulo, desculpando-se perante a própria consciência com a probabilidade de não encontrar a mulher, mas possuído, no íntimo do seu coração, da certeza de que a encontraria, vestiu-se mais elegantemente do que seria preciso para chorar uma filha, embrulhou-se na sua capa romântica — a «capa de Mussets», como elle lhe chamava — e foi. A porta do cemitério da vila estava um automóvel. Seria o dela? Interrogado, o *chauffeur* declarou que trouxera «uma senhora alta, ainda nova, de luto». Não havia dúvida, Paulo da Nóbrega, pálido, com o coração a saltar-lhe do peito, hesitou ainda em frente do portão. Que faria, ao vê-la? Falar-lhe-hia? Limitar-se-hia a saudá-la de longe? Batida do sol, a larga alameda daquele jardim de ciprestes scintilava. Da terra do cemitério parecia exalar-se um hálito quente de bafo e de flores. Paulo entrou, — e, mal tinha dado dois passos, viu, diante da sepultura da filha, um vulto negro prostrado. Correu, gritou, levantou nos braços esse pobre corpo palpitante: era Ester, que caíra desmaiada sobre os degraus do jazigo. Levaram-na sem sentidos para o automóvel, banharam-lhe as fontes com água fria, e Paulo da Nóbrega viu-se obrigado a conduzi-la à casa de Cascais, e depois, na sua *limousine*, até Lisboa. Durante a viagem não disseram uma palavra um ao outro. Ester, com a cabeça encostada ao peito de Paulo, chorava em silêncio. Quando chegaram, aquele homem — que era um estranho para ela — entregou-a à mãe e, delicadamente, retirou-se. No dia imediato, estavam ambos, à mesma hora, no cemitério. Dali por diante, o túmulo da pobre criança tornou-se um lugar de *rendez-vous* de dois namorados tristes, — que se procuravam para chorar. O que não pudera fazer a filha viva, fizeram-o a filha morta: aproximá-los, criar neles esse estado de alma comum, esse unisono sentimental que é o segredo de todas as afeições e a base moral de todos os lares. Nunca, durante seis anos de casamento, se tinham sentido tão unidos como naquela hora em que já não eram um do outro. A dor — dor fecunda! — revelara-lhes o sentido da vida e acordara a sua consciência. Um sentimento novo nasceu na alma dos dois, — mixto de ternura apaixonada e de remorso pungente. Compreen-

deram que o seu divórcio fôra um crime, porque imolára ao orgulho, ao capricho, à loucura de ambos, a vida de uma criança. Era preciso que expiassem juntos a sua culpa; que chorassem juntos, na comunhão da mesma dor, a vítima inocente que tinham feito. Por isso acabavam de unir-se outra vez. Por isso Paulo estava ali — ao canto daquela chaminé sem lume, na vaga penumbra doirada daquela sala onde as faíscas lampejavam — abrindo-me a sua alma, lamentando as suas fraquezas, confessando-me quanto se sentia arrependido do acto irreparável do seu divórcio. Se a lei lhe restituira a mulher, não podia já — ai d'ele! — restituir-lhe a filha. Tudo quanto há de iniquo nessa lei de repúdio, de negação e de desamor, aparecia agora com nitidez no seu espírito. Ela seria a libertação de milhares de egoístas; mas era o Calvário de milhares de crianças. Paulo sentia-o, via-o bem naquele instante. E, embora continuando a admitir,

em certos casos e em certas situações, a dissolução do casamento, repetia, abraçado a mim, com as lágrimas a caírem-lhe, quatro a quatro, pela face:

— Mas quando há filhos, não!

Lá fora, os pássaros cantavam. Ouviam-se, mais estridentes, os gritos dos pavões. Adivinhava-se, através das persianas fechadas, o clarão ofuscante daquele dia de primavera. Passados momentos, Ester entrou, envolta na sua capa, com um grande ramo de rosas frescas na mão:

— São horas, Paulo...

— Onde vão? — perguntei eu, desprendendo-me do abraço do meu amigo.

Ester baixou os olhos — os seus olhos longínquos que, naquele instante, eram de um verde líquido de água dormente — e disse, no seu sorriso de infinita melancolia:

— Ao cemitério...

(INÉDITO).

JÚLIO DANTAS.



LUCÍLIA SIMÕES

E

ERICO BRAGA

FALAM À

“ILUSTRAÇÃO”



Lucília e Erico no seu quarto do Grande Hotel do Porto.

Estou numa das salas de espera do Grande Hotel do Porto. Ali, além, nos ângulos desta sala, vestida com uma suave penumbra, estão alguns rostos de ingleses e alemães. Em cada *maple* está afogado, nas carícias de veludo, o corpo de um estrangeiro. Fumam, escrevem, e, outros, fitam, preguiçosamente, os desenhos apagados, esbatidos no tecto.

Enquanto espero Lucília e Erico, para os cumprimentar e para ouvir o capítulo triunfante das suas memórias da sua última *tournee* pelo Brasil, espalho, distribuo olhares em torno de mim, colhendo emoções, colhendo alguns sorrisos dos que as estrangeiras deixam cair na taça violácea do ar. Está, precisamente, diante de mim, escondida numa pelica cinzenta, uma dessas mulheres misteriosas, esguia, angulosa, muito indiferente, fixando o fumo da cigarrilha com olhares demorados. Sorri de momento a momento. Nos intervalos, nos intervalos dos seus sorrisos indecifráveis, repara, atentamente, na porta de entrada. Não repara nos homens, nos homens que a rodeiam e a fitam. Porém, volta-se, quasi electricamente, para mim, quando o *groom* me vem dizer que o senhor Erico Braga está a chegar. O mistério abre-se... Agora, a dama dos sorrisos incógnitos, está bem à vista das minhas deduções. Denunciou-se. O interesse com que escuto a informação do *groom*, e o olhar sobresaltado com que seguiu o microscópico informador, são duas frases claras, precisas, que a revelam...

Fito-a, volto a fitá-la com aquela ironia que todos nós usamos em frente dos segredos que acabamos de descobrir, e levanto-me para beijar as lindas mãos de Lucília, que acaba de entrar. Erico, um pouco mais atrás, com o seu sorriso de sempre, lembrando um grande actor francês traduzido para português, sorri, num triunfo de superioridade, para a dama da pelica cinzenta. Os seus olhares compreendem-se. Os seus olhares são um apêro de mãos. Lucília, dentro da sua *toilette* negra, lembra, porém, uma outra sala, mais calma, para me falar das suas saídas do Brasil e dos seus projectos teatraes. E Erico, ao sairmos, depois de ter reparado, intencionalmente, na dama de pelica cinzenta, diz-me, baixo, num ar de quem sabe acertar com o sentido oculto das palavras:

— Oh! As mulheres!... As mulheres!...

Lucília, a que é tão grande artista que é a grande paixão de Portugal, — do povo e das elites — continua, como sempre, a ser a soberana do teatro feito arte. Coloca, como sempre colocou, a vida depois das suas ascensões de beleza. A sua companhia foi organizada, não como algumas, ou como quasi todas, para enfraquecer e corromper a mentalidade do público, mas sim para o atrair para novos horizontes de sensibilidade actualizada. A sua preparação, a sua cultura, estão muito acima dêsse teatro industrial que é o vício actual dos nossos palcos. Esta afirmação tem, agora, após o seu regresso de Além-Atlântico, uma vasta oportunidade. Vale como justificação de que, antes de tudo, antes de mais nada, não existe, entre nós, a trombeta da crise de teatro. Existe, se quiserem, a

mania de ser empresário, grande actor ou actriz. É, afinal de contas, a velha mania da vaidade latina. É o velho vício, muito bem renovado e espartilhado de actualidade, de se subir sem escrúpulos e sem orientação! É, neste assunto, a desumana atitude de se viver da arte sem sonhos e preocupações artisticas.

O caso da companhia Lucília-Erico está, felizmente, muito distante dêsse constantes ludibrios que encontramos em algumas companhias, e, quasi sempre, nas detestáveis, nas horribéis interpretações de teatro no nosso idioma. É Lucília, a sempre artista, no palco e na intimidade, quem me informa, modestamente, como se se confessasse a si mesma:

— Percorri todo o Brasil, — as grandes cidades brasileiras — e não deparei com a chamada crise de público. Certas peças, e dentre elas alguns originaes portugueses, noto que alcançaram muito maior êxito que entre nós.

Erico, acrescenta:

— É isso, a pesar de, por diversas vezes, termos encontrado algumas companhias estrangeiras, que são, geralmente, de perigosa concorrência. O público não se afasta nunca da verdadeira arte. Afasta-se, muito justamente, dos que o enganam e envergonham.

— Vocês, de modo nenhum, deparam com um momento de desânimo, com o reccio do público.

— O Brasil adora-nos, a mim e a minha mulher. A multidão, os vagamente conhecidos e os amigos, uniram-se, sem esforço, voluntariamente, e formaram uma grande parada de ternura pelas nossas representações. E não suponha que foi uma nêvem de entusiasmo. O Brasil estima-nos conscientemente. O Brasil nunca deixa de amar o que se eleva e triunfa na lingua abençoada de Portugal.

Lucília, com seus dêdos ponteados, abre um rico livro — escreveu das saúdes e palavras que lhes dedicaram, nos dois artistas, as mais elevadas mentalidades de S. Paulo e Rio de Janeiro. E, mostrando-mo, diz-me:



Lucília e Erico conversando com o nosso redactor no Porto, Guedes de Amorim

— Tu e o Erico queremos a este livro com o ardor que se dedica a um retalho do céu de uma pátria, muito terna, muito amiga. Veja: São vozes desenhadas do coração do Brasil.

Folheio esse livro, vestido com uma encadernação luxuosa, que guarda as saudades queridas de Lucília, a máxima ascensão de beleza, e de Erico, o que é uma permanente e requintada lembrança de Paris, quando faz teatro ou quando arrasta a sua elegância pelos passeios do Porto e de Lisboa. Encontro nas folhas de pergaminho deste livro uma permanente sinceridade da intelectualidade brasileira. É um verdadeiro sacrário de aplausos à honestidade artística de Lucília e de seu marido. Os nomes que pertencem às maiores estaturas intelectuais do Brasil desfilam nessas folhas sob os mais justos elogios. Autógrafos, elevados como estandartes de leuor, de Alvaro Moreira, Luís Amaral, Arsénio Palácios, Artur Mata, Saul de Navarro, Figueiredo Pimentel, e outros, e tantos outros que me é impossível reter para os citar, como justificação desse triunfo — iniludível triunfo português! — realizado por dois artistas nascidos no Brasil. Relembro, contudo, a legenda que o grande romancista Coelho Neto traçou nesse álbum que é um verdadeiro monumento à arte de Lucília e Erico. Ri-lo: «Lucília fez o milagre de iluminar um acto obscuro, que escrevi à beira do túmulo, onde me haviam abandonado os médicos. *Luar* é o título do episódio dramático, no qual entrei com a noite funérea, que ela tornou feérica com o esplendor do seu talento e o ronxoleio da sua voz». Antes deste bilhete de visita do coração de Coelho Neto estão, porém, outras palavras engalanadas de adjectivos que, constantemente, afagam Erico e Lucília. Por exemplo, Pinto do Couto, escultor português residente no Brasil, discípulo de Teixeira Lopes, novo e já glória da nossa arte, escreveu nesse livro de homenagem, pequenos retalhos de amor à nossa terra, e, depois d'elles, palavras onduladas de adoração aos dois artistas. Fixo ainda mais alguns nomes dos que costumam ser sempre amigos e justos para com Portugal, e entrego, devolvo a Lucília o altar do preito respeitoso em que a colocaram e a Erico.

— Atravessaram, afinal, o Brasil numa festa...

— Uma festa, diz bem. Uma festa de aplausos e amabilidades. Uma festa de que não esqueceremos jámais um chá que nos ofereceram na Casa Alemã, algumas tardes de excelente intimidade, uma em casa de Coelho Neto, e outras, noutras casas. Uma constante e linda festa, sempre com a presença das mais illustres famílias, da crítica, de amigos...

— Dizem, na verdade, que o Brasil é tão amável que deixa sempre saudades.

Erico, muito sincero, responde-me:



Folheando os jornais... Dois grandes artistas e dois charmeurs...

— Creia você que raras vezes tenho sentido tão entranhado conforto na minha vida de artista. O Brasil sabe falar ao coração. Em Pernambuco, como no Rio, na Baía, como em S. Paulo, em Santos, — a praia brasileira que faz ciúmes a Biarritz e Ostende — enfim, de todos os lados do Brasil, recebemos beijos na alma. A crítica foi justa, porque sabe ver. E os nossos olhos regressam, por tudo isso e, também, pelas grandes maravilhas brasileiras, cheios de saudades.

Pitudo Lucília, que parece embalar-se nas recordações de seu marido, pergunto-lhe pelas suas bagagens de projectos. O Brasil deu-lhe uma linda saúde que deve, que tem direito a ser continuada no presente.

— Conto sair do país, para uma «tournée». Algumas traduções que devo representar.

— E teatro novo, do que está por fazer e por interpretar em Portugal? Lenormand ou Pirandello estão à sua espera para os mostrar, em definitivo, no nosso idioma.

— Oh! Isso é quasi uma quimera que eu não posso realizar. Não, evidentemente, por estar longe do espírito renovador desses dramaturgos. Mas, somente, porque nada disso é possível en-

quanto o nosso público continuar estacionando...

Um criado vem chamar Lucília para umas suas visitas que acabam de chegar. Despeço-me da maior atriz-artista de Portugal. Ela passa, sai, deixando-me aquela frase verdadeira, que, até certa altura, pode justificar a falta, entre nós, de um teatro essencialmente moderno.

Numa outra sala, Erico continua, prolonga, referindo-nos a série de projectos que, brevemente, vai realizar. Este Erico, que tem um espirito vestido de casaca, embora esteja, como agora, em fato de passeio, é, como poucos, o modelo do artista moderno. A sua aparência tem qualquer coisa de altura de compreensão predominante. Está encaixilhado naquela frase de Diderot, que declara que «os grandes comediantes não necessitam sentir o que dizem, mas sim aparentar que o sentem». Erico Braga, sem gestos apalhados, é, actualmente, o único intérprete perfeito, completo, dos galãs do teatro que nos chega de Paris. E é também, com vantagens sobre os outros, um empresário cheio de arrojados artísticos. Um empresário que tem feito o máximo para que o nosso teatro conserve, actualmente, um cunho de civilização. Os seus projectos justificam-no. Os seus projectos actualis justificam-no, também, mais uma vez:

— Após a minha temporada do Porto, vou a Madrid, ao teatro Alkazar, realizar, com a minha companhia, dez récitas, para as quais fechei já contrato com D. Juan José Cadenas.

— E peças novas?

— Conto representar, logo após regresso de Madrid, e numa curta temporada que devo fazer em Lisboa, antes de seguir numa longa «tournée» às Ilhas, a peça do illustre brasileiro, dr. Benjamin Lima, *Amor e Morte*. Tenho em meu poder uma peça histórica, *Rainha Santa*, de Rui Chianca, que, muito em breve, representarei. E, igualmente, algumas traduções do melhor teatro francês.

— E depois, Erico?

— Ah! Isso é quasi um segredo... Volto ao Brasil para realizar uma temporada de alguns anos... Antes, porém, devo conseguir uma fusão de companhias: a minha com uma outra.

— E, qual é?

— Ah! está o segredo... Isto é um sonho que deve estar, por enquanto, muito longe do público. Por enquanto... Vá lá!... um nome... Amélia Rey Colaço. O tempo mostrará o resto.

Erico acende um novo cigarro, acompanha-me até à porta do hotel, com o seu permanente sorriso parisiense. Digo-lhe adeus. Ele continua, olhando as mulheres que passam, com um sorriso elevado, com um desses sorrisos que se encontram nos rostos dos homens que descobriam o caminho assestado do triunfo!...



Erico, no «Bar», faz confidências a Guedes de Amorim... Madrid... as Ilhas... O Brasil... Amélia Rey Colaço...

GUEDES DE AMORIM.

Daniel cegador de pássaros

Quem fôsse atrás dêle pela má fama, no intento de dar testemunho verdadeiro à suspeita do povo, certo era perder-se nos caminhos, rendido à crença de que um poder nefando lhe trocava as voltas, apagando no chão as pégadas do malfeitor.

Sabiase-se que José Daniel, antes de a Anrora abrir as portas, se erguia de manso, com armadilhas e tomo dentro de um saco, transpunha alqueives, valados e silvares, para as bordas do mato florido aonde lhe palpitavam rumores de asas.

No fim da tarefa, contente ou surdo de raiva, o cega-pássaros só recolhia ao pardejar, entre lobo e cão, solitário, calado, como um felino astuto.

Assim se esquivava a encontros de impertinentes, ganhando na fidelidade a êste hábito, o conceito de um bruxo, pactuado com o poder de Satanás.

Na verdade, os que viam o seu fato escuro por entre troncos de oliveiras, se queriam aproximar-se para o termo de uma certeza, já nem o rasto lhe encontravam, porque o excomulgado se desfazia em pó e vento.

Para confusão maior ainda, dois irmãos juravam e batiam fé tê-lo visto saltar uma parede, e, quando esperavam encontrá-lo de frente, apareceu-lhes um gato preto, de olhos vermelhos como fogo.

Benzedo-se e chamando por S. Bartolomeu, voltaram costas ao animalão, mas sentiram rogar-lhes nos lombos as unhas do tal gato ou do Diabo por êle.

Se não fôsse a protecção do Apóstolo, advogado mais que todos infesto a Satanás, para ali ficariam esbichados, sem ninguém lhes poder valer; e sempre que no sítio passavam, de noite, certo era ouvirem o mostrengo que sete vezes duramente os ameaçava com a goela rouca.

A gente do lugar que não dava ouvidos a contos de bruxedo, do mesmo modo nutria seu asco a Daniel.

Durante anos, fôra êle o cabo do pósto da guarda. Não sendo filhote da terra e embora tivesse corrido ontras muitas, ali se aferrara pelo poder do hábito, regressando para gozar a reforma, de novo metido no albergue do José Inácio onde o passadio era módico de preço, sem contar o bem-querer da mulher do taberneiro.

E como era sólida de quadris, com boas côres e dentes brancos, seu coração a escorrer no peito farto, a voz do povo castigava-lhe a prosápia, infamando-a com o cabo Daniel.

Ao José Inácio, por alturas do Entrudo, em que as línguas eram mais soltas, o rapazio cantava-lhe de cuco pelas esquinas:

*Cuco, recuco,
Com quem dorme a Zabel?
— C'o cabo Daniel!*

Por dentro dos postigos, o chasco da rua entrava eco em gargalhadas de bom sabor.

Ao cabo Daniel não perdoava a lembrança de pais e mães as multas e tarefas a cachopos que se aaventuravam a apanhar chamiços para o lume na Tapada dos Alamos.

Em comparação de outros guardas que na terra houvera, tinham-no por severo até à velhacaria e chamavam-lhe carrasco.

Fôra noutros tempos caçador. A ocultas, trocava às vezes a carabina do equipamento pela espingarda de chumbo e monteava pela serra, saltando às lapas um furão emprestado. Para

voltar a casa, contentava-se de pôr à cinta duas ou três cabeças, mais vítimas da vaidade do que do gôsto.

Mas, com o andar dos anos, a perder viera a scisma da caça morta: nem a lontra, nem o texugo já lhe mereciam uma légua andada para a pontaria de um zagalote. Lebres e coelhos que se caçavam em meloais, com dois grãos de chumbo, tinham-os por presa vil, era a venatória de famintos, sem gôsto pela arte.

Outro intuito, sem saber como, nem como não, começou a mover-lhe os passos, a arrastá-lo como tentação ardente.

Bordava de visco os ninhos para colher pássaros vivos. Assim fazia a melros e ronzinóis. Aos pássaros de bando abria rédes ou dispunha a tração de armadilhas entre gramíneas e na quietação dos convais.

Para êsse fito, corria oliveiros e soitos arrabaldeiros, oculto com um ladrão, e fora das horas de rega penetrava nas hortas mimosas, de onde os voláteis, mal o descobriam, davam às asas para o largo.

Levantando as armadilhas para pontos de melhor sorte, cevava com trigo os terreirinhos das esperas, nos bebedeiros, ao pé dos olhos de água madiava.

Mas as aves, avistando o espectro do chapéu negro à sombra das figueiras, curveteavam o vôo com chilros alarmados, para dar aviso do perigo aos outros celícolas.

O cega-pássaros fumava e esperava. Nunca soube o que era perder tempo, nem lhe podiam medir a paciência os passantes que por acaso o lobrigassem para o chasquear de longe. Os pássaros que a sua mão colhia vivos na réde, mirava-os risonhamente, falava-lhes, acusava-os com ironia de não terem entendido mais cedo o seu desejo.

Depois, segurava-lhes a cabeça no anel do polegar e do indicador e dextramente os desolhava com um ferrinho agudo.

Duas lágrimas de sangue lhes cobriam a última luz dos olhos, enquanto Daniel entrava a comentar:

— Agora cantas melhor. Vais vêr como cantas!

Uma após outra, seis, oito, doze, as aves cegas saíam-lhe da mão a pipilar, em arremessos tontos que já não eram vôos de libertação. Enovelavam-se, caíam de bico nas pedras, chegavam a topar no peito do seu algoz.

— Anda, sobe! Canta! Então não cantas?

Vendo os pássaros a lutar com o próprio esforço, perdidos aqui, embarçados mais longe,

Daniel tinha por costume chamar a banquete Dona Massaronga, cadela vãda que uma vez se lhe afeioara sem interêsse, só pela obrigação instintiva de ter um dono.

Mas numa tarde em que Daniel tirara os olhos a três lavrandeiras, cativas na terra ainda fresca do arado, assobiou, chamou alegremente a sua companheira:

— Massaronga!
A cadela apresentou-se, de focinho no ar, ericando o lombo malhado, ladriscando à roda do dono. Daniel açulava-a, apontando-lhe as aves a trepidar na plumagem alvadia, com respiração forçada e incerta. A curta distância dos passarinhos, o animal conteve-se.

Daniel increpou:
— Comes ou leva-te o diabo?

E atirou uma calhada ao espinhaço da cadela. Massaronga furtou o corpo à pedrada, afastando-se a abrir os dentes, e nunca mais veio à presença do cega-pássaros.

Assim, êste homem de queixo rombo e magro, por sobre o qual se arqueava um nariz de garra, entre duas faces terrosas, tinha como único esforço de vida vêr passar as semanas até ao dia do pré, para pagar cama e mesa à gaveta do José Inácio.

Quando por casas e fazendas não havia braços caídos, Daniel dormia sestas de seis horas ou mandriava à sombra, amimado pelas meiguices maduras da taberneira.

Não tinha às costas morte de homem, ninguém com verdade o arguia de furtar o alheio, mas, de semana a semana, o ódio crescia no povo com maior veemência e rumor.

Atrás dêle, pelas ruas, em buracos de casebres, surgiam punhos e vultos de mulheres com modos de esconjuro. Temiam-no todos, embora apedo do mando, pois que, por empenhos do padrinho deputado, era êle bem capaz de lhes atirar com os filhos para a marinha e assar a povoação com décimas e relaxes.

Quando aos ouvidos lhe soavam vozes de condenação, dêstes maus feitos contra os pássaros se desculpava Daniel com o intuito de proteger searas e hortezes.

Mas, por tal benemerência, ninguém se lhe confessava agradecido. Numa noite de S. Martinho, com aspreza o acusou Joaquim Antunes, homem feaçanhado, que andára na guerra preta de África, e a quem uma pinga a mais dêra uma ponta de língua.

Cara a cara, na venda do José Inácio, arrourou-se êle em vingador dos tímidos e, como última e escaldante injúria, foi até chamar-lhe *Herodes dos paraísos*.

Tal insulto levantou muros, cruzaram-se gestos minazes, mas todo o tumulto se aplacou com uma roda de vinho para a sossega, oferecida pelo taberneiro, por inspiração sagaz da mulher.

Feitas ali as pazes, nem por isso a alcunha deixou de pegar, como voz de vingança colectiva, entre louvores à coragem de Joaquim Antunes, que todos já prezavam de valente.

Agora que se mostrara homem testo e decidido, sentia-se premiada pela admiração geral e mais senhor de si o encontravam quantos o quisessem ver no seu chão das Carvalheiras, a tirar água para a rega sobre uma rola de alcatruzes.

Daniel, reconhecendo-se mais acochado pela voz pública, preferia afastar-se dos hortezes e cerrados, alongando os passos por terras caçadas aonde não pudesse inquietá-lo a sombra de uma presença.





Ao pé de uma veia de água que se abria entre junco e agriões, foi ele dar uma vez, já sobre a tarde.

Ali armou a rede grande e pôs-se à espera, detrás de um penedo, a cantar como as perdizes.

Logo após, para cá do restolho, a perdiz-mãe se descobriu, rodeada de quinze filhos, rolhões e fôfos como novelos de lã.

Nas ardências do chôco, ali viera ela muitas vezes, à lei de Deus-Criador, confiada a céu e terra. Bebia água, refrescava o bico na relva, para em poucos instantes tornar nos cuidados e amores do ninho. Naquele dia a sua desgraça prendia-se num fio às mãos de José Daniel. Mal tocara nos grãos, a rede tombou, cativando-a com alguns dos filhos. Os outros, salvos da cilada, espantaram-se dali, a piar de medo.

O cega-pássaros apertou a perdiz dentro da rede com um fio de junça, para lhe conter os movimentos, prendeu-lhe com os dois dedos o pescoço, e num instante deixa ela de ver o alçoz e não pode mais olhar para os filhos.

Quando Daniel a soltou das mãos para o terceiro da fonte, à sua volta acorreram os perdigotos, festivamente, como para banquete certo de milho mudo.

A perdiz, no seu destêrro de trevas, batia as asas, saltava, movendo a cabeça tontamente, à procura da luz do dia e dos filhos, luz dos olhos. Eles, porém, não lhe entendiam os carinhos: quando se lhe juntavam, afastava-se ela; se lhe pediam protecção, eram pisados sem tino. Perdido o goito de mãe, os perdigotos iam-se subitamente órfãos, diante de uma ave louca que os intimidava.

Mas ela, crendo-se rodeada pela criação, começou a andar, a ensaiar vôos, arrastando-se aos tombos, levantando-se aos pulos por entre o pasto, caíndo, volteando, sacudindo com as azas o mistério da cegueira, como levada pelo acaso do vento, em arremêso desordenado e dolorido.

Sentado na pedra, Daniel observava, sorria de satisfação, enquanto a voz friamente lhe falava na bôca:

— Tu não és perdiz! Agora és cabra cega! Ah! Ah! Ah!

Contudo, na plena expansão do seu instinto, o cegador de pássaros não vivia feliz.

Quem o visse deleitar-se neste labor cruel, muito fora estava de conhecer a dor íntima que de si próprio o descontentava.

Enquanto uma ambição oculta o rofa, mal confessava a si mesmo a covardia de cegar aves

pequenas, sem defesa, ao alcance de uma dose de visco ou de uma rede armada.

Subtilmente, uma tentação repetida o atiçava e o castigava, como voz de um remorso vivo. Se era homem de bríos, deveria ele atrever-se a cegar uma águia, a destronar da sua velha soberba a rainha das aves.

Por longas semanas se lhe enroscou no peito este desejo, cujo ardor não se igualava ao estímulo fátuo de um capricho.

Sondou em conversas com cautela, não houvesse denúncia, foi perguntar a velhos pastores onde é que as águias criavam os filhos. Eles informaram:

— No Monte da Cobra poisam águias todo o dia. Os ninhos são lá, não haja dúvida.

Vivendo e sofrendo deste intento, quando já não podia vencê-lo, partiu um dia de manhã, sem dar troco a ninguém, mesmo à mulher do José Iracião.

Mais de duas léguas andou, em disfarce, de fraga em fraga, com a rede de arame dentro da sacola.

O Monte da Cobra fugia-lhe diante dos passos e parecia-lhe que um poder maligno o distanciava cada vez mais.

Na altura da serra a que já ia, começaram a rrear os pássaros pequenos, era agressiva a solidão, e na serena luz do ar, o silêncio espesso e longo, difundia-lhe na alma um pavor insistente.

Resolveu tornar o Monte à busca de acesso, impedido nos movimentos da alma e do corpo por uma decisão mais firme, para a vida ou para a morte.

Apegando-se a lentiscos e joias, os seixos iam-lhe rolando debaixo dos pés, e pelas fendas caíam, estrondosamente, a violar em ecos contínuos, a surdez milenária dos penhascos. Dobrava o corpo para romper entre medronheiros, e vin-se de repente inclinado para a bôca de um abismo áspero que lhe aconselhava o regresso nos afaços gordos e tranqüilos da Isabel taberneira.

— Para quê? Subir para quê?

Estremece em Daniel o primeiro rebate de fraqueza. Mas, para voltar sobre os passos, o perigo repetia-se com ameaça fúnebre.

Talvez que, do alto, outra saída mais fácil se lhe abrisse, para conduzir a águia viva pela via triunfal da vitória.

Continuaria a trilhar calhaus, a pisar doridamente o silêncio das serenas alturas. A terra baixa aplanava-se agora a seus pés, rasa como eira limpa.

Aquela vista, Daniel considerou com orgulho na sua audácia, pôde contentar-se com a visão de uma proeza que lhe fazia calar para sempre o remorso antigo.

Nunca tivera nas mãos uma águia; mas havia de tê-la e de perto tocá-la, prendê-la com segurança, rir-se dela a seu bel-prazer. Este capricho convertera-se-lhe indomavelmente num destino supremo de vida.

A meditação de Daniel foi perturbada por um sopro poderoso, extenso e vibrante, anúncio de cobra ou de fera que ali o fosse acometer.

O cega-pássaros olhou à sua volta, mas não viu cabeça de serpe, nem perigo de dente voraz.

De novo a ameaça do sópro voou no vento, logo seguida por um silvo perfurante a que respondeu das concavidades húmidas, o alarme profundo das pedras.

Daniel via a poucas braças a águia da sua ambição, altiva, minaz, em vôo suspenso, senhora do ar.

Por sobre a cabeça, ouvia distintamente o rumor do ninho e ainda pensou no pequeno poder da rede para escravizar tão boa presa. Parecia-lhe maior, mais volumosa e forte. Capaz seria de romper as malhas de arame, deixando-o para ali ludibriado sem remédio e para sempre.

Outro recurso não tinha, a menos que perder quisesse todo o esforço, o real perigo com que empreendera aquela ofensiva heróica.

Mais agudo, mais temeroso, outro guincho passou uma corda de frio na espinha do cega-pássaros, quando já perto do ninho, rasteiro como lagarto, avançava com a cabeça adiante das mãos em que segurava as malhas do seu engenho.

Sobre a rocha se lhe depararam pequenos ossos, peles de coelho e de cordeiro, frescos despojos de carnificina. Outros vôos veem ruflar até junto dele, maus ventos de tempestade que o açoitassem nas orelhas.

No ninho, a criação exalta-se com alarido infantil, curvando os colos, pavidamente abrindo as asas nuas. Daniel sente estremecer o céu, vê oscilar as rochas, naquele pincuro inviolado, no instante em que a águia-mãe deixa de voar para cair a prumo sobre o ninho, a oferecer-se à morte pelos filhos.

Dali investe com o inimigo em combate aberto, penas e bico ao alto, garras no para-peito do último reduto. A mão de Daniel, afoita a jugular cotovias, estende-se também para a águia em atitude preçensil. Mas ela que conhece os grandes lances da luta, fixa-se na cabeça do inimigo, como elmo vivo, a picar com desespero, a ferir as faces e os olhos do saltador.

Daniel sente um ferro agudo a atravessar-lhe o crânio. Para descer, para fugir, já ele não tem olhos. Mal seguros os pés, as mãos não lhe amparam a cabeça e com um grito de carne dorida de morte, todo o seu corpo se desprende da vida, rasgando-se veias e quebrando-se ossos nos agumes virgens da fraga. Piando, assoando, para afastar o espectro até ao fundo do abismo, a águia salta do ninho para a rocha, da rocha levanta-se em perturbação, a proclamar vitória, em concerto de vozes com outras mães que por curtas espirais descem a certificar-se da morte do cegador.

Ao outro dia, bandos multicores passaram a reconhecer o inimigo, houve jubileu nas nuvens, e sem temor os mansos se juntaram aos grandes pássaros de rapina, esquecidos de agravos e apetites. E por intenção de todos, à luz do sol, dois abutres em granada festiva, iam-lhe abrindo a arca do peito, sofregamente, vingadoramente, à procura do coração.

Agosto de 1928.

HIPÓLITO RABOSO.



OS PRESENTES DO NATAL

Januário, Ltd.^a era uma firma das mais prósperas da Rua dos Fanqueiros — de Fanqueiros Street, como estava impresso no timbre do papel em que se escreviam as cartas para os fornecedores ingleses. Inscrevendo-se na especialidade comercial que se intitula «consignações, comissões e conta própria», a actividade desta firma não conhecia limites. Vendia de tudo: piúgas de lã e queijo suíço, marmelada de Olivelas e ferros de frizar, discos de gramofone e chapéus de feltro, conservas e estanho, suspensórios e aço em barra, perfumes e camisolas, lâmpadas eléctricas e batata para semente. Além disto, ainda tinha secções de especialidades farmacêuticas, máquinas de barbear, lãs dos Pirineus, acessórios de automóvel, pentes de galalite e facas de cozinha.

O chefe da firma, Januário da Silva Mendes, era tão considerado na praça pela sua actividade e prática de comércio que toda a gente o conhecia pelo «Januário Comercial». Almoçava negócios, jantava combinações, adormecia a fazer contas de cabeça e, quando acordava, a primeira coisa que fazia era um inventário e balanço do que tinha de fazer nesse dia.

Medularmente comerciante, as suas relações eram todas

comerciais, mesmo com a família. Sempre que a D. Olvívia, sua esposa, lhe pedia dinheiro para o governo da casa, Januário exigia um vale à caixa e debitava mentalmente a mulher, levando-a à conta de devedores e credores. Por vezes, à mesa, a D. Olvívia perguntava-lhe quando é que iam ao teatro ou quando lhe comprava o prometido casaco de peles. Januário, distraído com os negócios, não respondia, até que a mulher, impacientada, lhe chamava a atenção para aquela falta de atenção:

— Então tu não me respondes?

Ao que Januário, sempre comerciante, respondia em estilo de copiar:

— Tenho presente o teu presado favor, ao

qual sou a responder que presentemente não sou comprador de camarotes ou casacos de peles. Sem outro assunto, sou com consideração, teu marido muito atento e obrigado, Januário Ltd.^a.

Dito isto, punha o chapéu e largava a correr para o Entrepósito de Santos, onde tinha um vapor carregado de botões de ceroula, consignado à firma.

Ora se Januário era, por escritura registada no Tribunal do Comércio, uma natureza limitada à actividade comercial, a D. Olvívia não o era e bem se pode dizer que a pobre senhora definhava na aridez conjugal dos negócios, tanto mais que se tratava duma alma sedenta de ideal, que em solteira tinha

em divórcios. Dum lado ansias de ideal, sentimentalismos, literaturices; do outro, três milhões de piúgas de lã a colocar, cem toneladas de batata francesa a impingir, uma nova marca de pneumáticos a lançar no mercado. Diante da lua alta, num céu sem núvens, duma noite macia de Maio, ela suspirava e dizia o seu desejo de ser a estrelinha remota que acompanha o astro da noite. Ele, perante o mesmo espectáculo da serenidade augusta da noite, olhava a lua e lembrava-se de que se tinha esquecido de mandar tirar a factura do queijo suíço de Jerónimo Martins & Filhos.

D. Olvívia, diante dum regátosinho palreiro, correndo entre choupos esguios, evocava Bernardino Ribeiro e a morte do rouxinol, da «Menina e Moça». Januário, olhando a mesma água que corria, apenas evocava o seu guarda-livros, que não tinha fechado as contas correntes, como lhe determinára expressamente.

O facto da firma de Januário ser limitada presupunha a existência de, pelo menos, um sócio. Esse sócio existia, respondia ao apelido de Pereira e toda a sua actividade comercial se limitava a fazer suprimentos à caixa, quando Januário necessitava de fundos para alargar os suspensórios, que eram um dos negócios de conta própria da firma. Tendo adquirido uma grande fortuna no Brasil, deitara numa rede, à espera de enfiar,

amigo Pereira tinha uma larga prática de não fazer nada. Ninguém, como êle, era capaz de consumir as vinte e quatro horas do dia em completa inutilidade. Vestia bem, fumava bem, comia bem e era muito conhecido nas caixas dos teatros por fazer presentes — era a única coisa que fazia — às artistas, em noites de benefício. Como dispunha duma linda caligrafia, os seus presentes começavam logo a ser apreciados pelas dedicatórias, em caracteres floreados, com que êle fazia acompanhar os ramos de flores e os estojos de jóias.

O desespero de Januário era grande por ver que o sócio, com tanta robustez para o trabalho, não fazia nada para a firma. Por mais



Tenho presente o teu presado favor...

chegado a cometer a publicação dum livro de versos, intitulado «Sonho dos meus sonhos».

Este livro de versos por mais duma vez tinha sido causa de discussões domésticas, porque Januário, para quem os livros ou eram auxiliares ou se chamavam «Razão», «Caixa» e «Diário», ainda não tinha lido o livro de versos da esposa, em cinco largos anos de casado. Isto chocava a natureza sensível da literária senhora, tanto mais que o marido, que era um apreciador dos prazeres da mesa, de vez em quando lhe largava um remoque, acusando-a de fazer sonhos em versos e de os não saber fazer em calda de açúcar.

É destes embates de temperamentos tão diversos que vivem os advogados especialistas



duma vez, gabando-lhe a prenda da linda letra, o quis iniciar nos mistérios das partidas dobradas, esperando vir a economizar, se ele se applicasse à contabilidade, o ordenado do guarda-livros. Mas o sócio Pereira resistia, alegando o seu horror pelos números que não fôsses de variedades e desempenhados por alguma espanhola bonita e Januário nada mais conseguia dê-lo senão novos suprimentos à caixa.

Na véspera de Natal, em má hora se lembrou Pereira de entrar no escritório da firma. Todo o pessoal estava occupado em tirar as contas do fim do mês e Januário passava a mão crispada pela calva, à procura de cabelos que arrancar, no desespero em que se debatia.

— Ah, amigo Ferreira, você chegou mesmo na boa altura. Vê estas caixas? São de *Champagne*, vinho do Porto, Colares, etc. Hoje é véspera de Natal e, conforme a tradição comercial da nossa casa, estas caixas têm de ser hoje entregues aos nossos clientes mais importantes, a quem costumamos dar as boas festas. Você deve ter visto lá em baixo um cantião, que eu mandei alugar?! Não sei se reparou, já tem dentro duas dúzias de perús?

— Mas de que se trata? — inquiriu Pereira.

— É que eu tenho de ir à Alfândega, por causa das facas de cozinha. Não mas querem despachar, dizem que são armas proibidas. Ora desde que existe a firma Januário Ltd.ª ainda não houve uma véspera de Natal em que os nossos melhores freguezes não recebessem as boas festas. Era uma vergonha, comercialmente falando, se não lhes mandássemos hoje os presentes. Era assim como deixar protestar uma letra... E são já estas horas...

— Quere você, então?

— Que se feche ali no meu escritório e que me faça os cartões e os sobrescritos com a sua linda letra. É muito fácil... Tem aqui a lista dos clientes e à frente dos nomes o que deve mandar a cada um... Pôrto a este... perú áquele...

— Está bem! E como me paga você este trabalhinho? Sempre são umas dezenas dêles!...

— Olhe, convidado para fazer a meia-noite comigo e com a minha mulher, lá em casa...

— Está dito! Mãos à obra!...

Januário, já radiante, saiu como um foguete. Pereira fechou-se no escritório do sócio, correu cautelosamente o reposteiro, acendeu a luz. Pegou num cartão, molhou a pena, que largou imediatamente. Puxou o telefone, que estava sobre a secretária, e baixinho, quasi num murmúrio, pediu um número. No auscultador produziu-se o clássico crepitar de metralhadora; depois uma voz de mulher perguntou:

— Está lá?

Muito chegado ao bocal, Pereira ciciou:

— É a Lili?... Sim, daqui é o teu Bébê...

Estou a falar do escritório... da firma... Não há perigo... Estou só... Só, mas contigo sempre no pensamento... Sempre!... sempre!... Sabes?... Fazemos a meia noite juntos... Ahn?... Não sei se é Deus que o quere... Ele é que quis... Até logo!... Esquecer-te?... Mas se te digo que não me saís nunca do pensamento... Nunca!... nunca!... Ah, sentes os passos da criada?... Até logo!

reira, ao entrar, tropeçou logo em duas caixas de Pôrto, que estavam no corredor.

Duma porta saiu-lhe Januário, os braços abertos, num espanto risonho:

— Então o que foi isto, amigo Pereira?

— Isto, o quê?

— Tenho a casa que parece um armazém de vinhos e na cozinha nem se pode entrar... Está cheia de perús!...

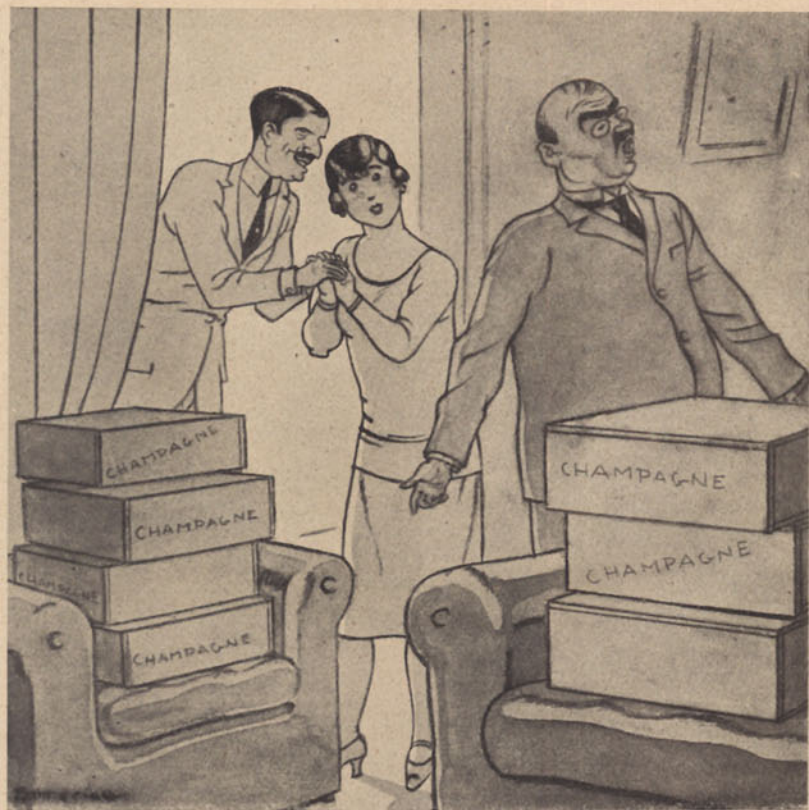
— Parabens! É que você tem muitos amigos...

— Quais amigos! Foi você que, ao fazer os sobrescritos, pôs em todos o nome da minha mulher e a nossa morada!... E o que fez você da lista!

— Rasguei-a!

— Estamos arrançados! É a primeira vez que Januário Ltd.ª não dá, no dia próprio, as boas festas aos seus clientes.

E encaminhando-se para a sala, onde tinham instalado o *Champagne*, nos *maples*, por deferência especial para com os vinhos



Venha ver os resultados da sua obra!...

Afastou o telefone, pôs na frente a lista dos clientes e, de cabeça ao lado, a ponta da língua ao canto da boca, começou a escrever, no seu magnífico cursivo, nos cartões da firma: «Dá as boas festas a V. Ex.ª e pede desculpa da insignificância da oferta».

As onze horas Pereira batia à porta da casa do sócio Januário. A criada veio abrir e Pe-

estrangeiros, Januário acrescentou, entre risonho e agastado:

— Venha ver os resultados da sua obra!

Enquanto ele voltava costas, Pereira, apertando entre as suas as mãos trémulas de D. Olívia, pôde murmurar-lhe:

— Vês, Lili? Eu não te dizia que nunca me saís do pensamento!

FELICIANO SANTOS.

AS
MODAS
DA...
ULTI-
MA
MODA



Vestido originalíssimo para *soirée*, em veludo negro, guarnecido de finas plumas de avestruz. O corpo é liso e a saia é debruada, em roda, de galfo de prata—Modêlo Jenny

EM BAIXO: Vestido de tarde «Mon secret», criação de Lucille Paray, em veludo pastilhado azul marinho, guarnecido a georgicotte e musselina também azul marinho. Chapéu de veludo negro



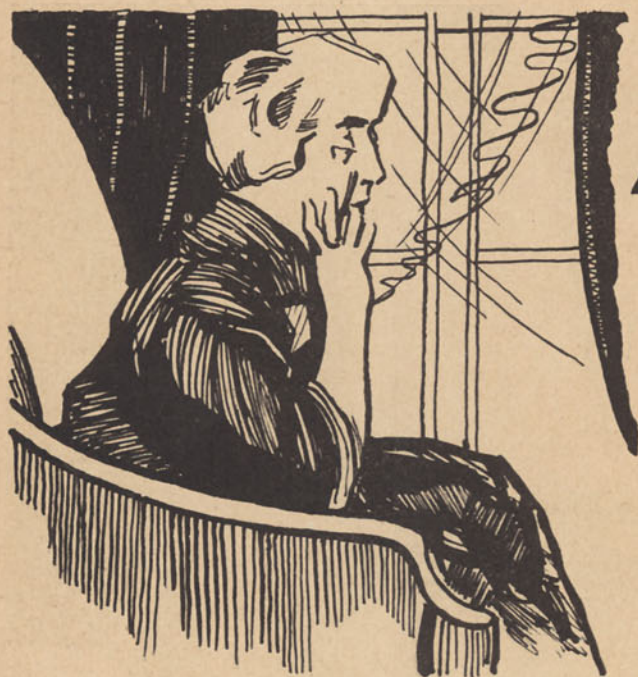
Destinabile «Complice» em lamê de prata e veludo negro—Criação de Lucien Lelong

EM BAIXO: —Mantem «Un beau rêve» de veludo gris, perlé, guarnecido a raposa azul—Criação de Lucille Paray



Um dos mais lindos modelos de casacos de Jenny—Casaco negro de lã direita, com formosíssima gola de raposa branca. Laço de seda negra. Chapéu de feltro

(TODAS AS FOTOS DESTA PÁGINA SÃO DE SCAIONI—PARIS E EXCLUSIVAS DA ILUSTRAÇÃO)



AVÓ

diálogo por Alice Ogando

queceres que ainda hás de ser avó. E que linda avôzinha será a minha neta.

AVÓ

Credo! Como vais apressada; primeiro preciso ser mãe.

AVÓ

O resto não custa nada, minha filha. A infância é linda mas a mocidade é ligeira. Mal nos encontramos mulheres, quando exactamente a vida começava a ter para nós novos encantos, vem uma ruga, um cabelo branco

Uma sala elegante. Luxo, sobriedade, bom gosto.

Perto da janela uma mesa de costura, ao lado, numa maple, a avó dormita.

Sôbre a mesa um relógio. Abre-se a porta e numa de alegria, de mocidade, de beleza, entra a neta. 18 anos louros. Um amor.

AVÓ

Por isso te recomendo que é bom não es-

NETA

Ora viva a minha avôzinha.

AVÓ

Viva a minha neta que chegou tão tarde.

NETA

Que queres tu, avôzinha, afinal não somos senhoras do nosso tempo. A gente sai para não se demorar nada... e zás... encontro daqui, cumprimento de acolá, aquela montra, êste chapéu, e quando olhamos para o relógio são imensas horas.

AVÓ

E nem ao menos a lembrança de quem as espera, minhas louquinhas, as faz olhar para o relógio uma hora mais cedo? Ah! que se fôsse uma pessoa que eu cá sei quem tardasse, a minha neta veria o relógio duas horas antes da hora...

NETA

Perdôa avôzinha, lembra-te de que também já fôste neta.



a lembrar-nos cruelmente que a mocidade vai passar e, aí de nós, que está à porta a velhice...

NETA

Também deve ser bom envelhecer quando se é, com tu, uma linda velhinha.

AVÓ

Sim, meu amor. Tudo tem encantos na vida, até a velhice. Esta traz-nos o enternecedor prazer de recordar. E nem tu calculas como é bom recordar! O pior, na velhice, é o relógio andar tão devagar quando esperamos alguma linda visita muito querida que nos vem encher a alma de sol e os olhos de mocidade. O nosso pobre relógio anda tão devagarinho. É a diferença que vai duma liteira para um automóvel de muitos cavalos, dêas que nos transportam agora. Não sei se já te disseram que as horas para os velhos levam mais tempo a passar.

NETA

(Num lindo gesto, senta-se-lhe aos pés).

Não digas maldades que és injusta, avózinha. Eu sempre me lembro muito de ti. Sabes lá como gosto de te ouvir as tuas lindas histórias, as coisas que me contas de quando eras nova. Nova! Tu ainda o és. És a velhinha mais nova que conheço. Há gente que, quando envelhece se torna má, intolerante, arisca, parece até odiar a mocidade, mas tu, não. Tens sempre um bondoso sorriso nos lábios, sempre uma palavra de perdão para tôdas as culpas, uma palavra de afecto para tôdas as dôres... e até, não fazes como quási tôda agente quando envelhece, que maldiz o amor, como se nunca tivesse amado.

AVÓ

Tolices. O amor, minha filha, deixa lá falar as velhas rabugentas e as solteironas desesperadas, é a única coisa linda da vida. Claro que não é esse amor a que vocês agora chamam *flirt*, esse horrendo palavão estrangeiro, mas o amor... amor, à portuguesa. A isso que vocês chamam *flirt*, no meu tempo, não se chamava amor porque era uma refinada pouca vergonha.

Amar, minha neta, é querer a outra pessoa mais que á luz do dia. É pensar pela sua cabeça, sentir com a sua alma, desejar com o seu desejo. É tornarmo-nos tão pequeninas, que o homem que amamos nos possa trazer muito aconchegadas dentro da alma. Ah! minha filha. Se tu soubesses como eu gostei do teu avô, e Deus do Céu! como êle gostou

de mim! Envelhecemos, é certo, mas os nossos corações ficaram sempre moços e apaixonados e creio bem que nem a morte roubou, porque lá na outra vida tenho a certeza que me espera e que já terá dito: «Como tarda a minha menina». *(Uma saudade tornada lágrima, assoma indiscreta aos olhos da avó. A neta beija-a longa, demoradamente).*

NETA

Querida avózinha!

(Um silêncio. A avó sonha. A neta pensa na hora da modista).

Quando te escuto, já nem tenho mêdo de casar. Tu me ensinarás o segrêdo da felicidade. *(O relógio bate lentamente as 4 horas).* Ah! já 4 horas. Tenho que te deixar avózinha, a modista espera-me.

AVÓ

Vai meu amor, vai fazer-te bela e nunca esqueças que na beleza também reside uma parte do segrêdo da felicidade. Até a desgraça, às vezes, respeita a formosura. Vai, e volta amanhã mais cedo.

NETA

Socega avózinha. Hei de lembrar-me mais cedo que sou uma neta que te adora.

AVÓ

Obrigada, minha filha, mas para garantia, lembra-te antes que ainda hás de ser avó. *(Um beijo. A neta sai, mais ligeira, mais alegre, mais linda).*

Setembro, 1928.

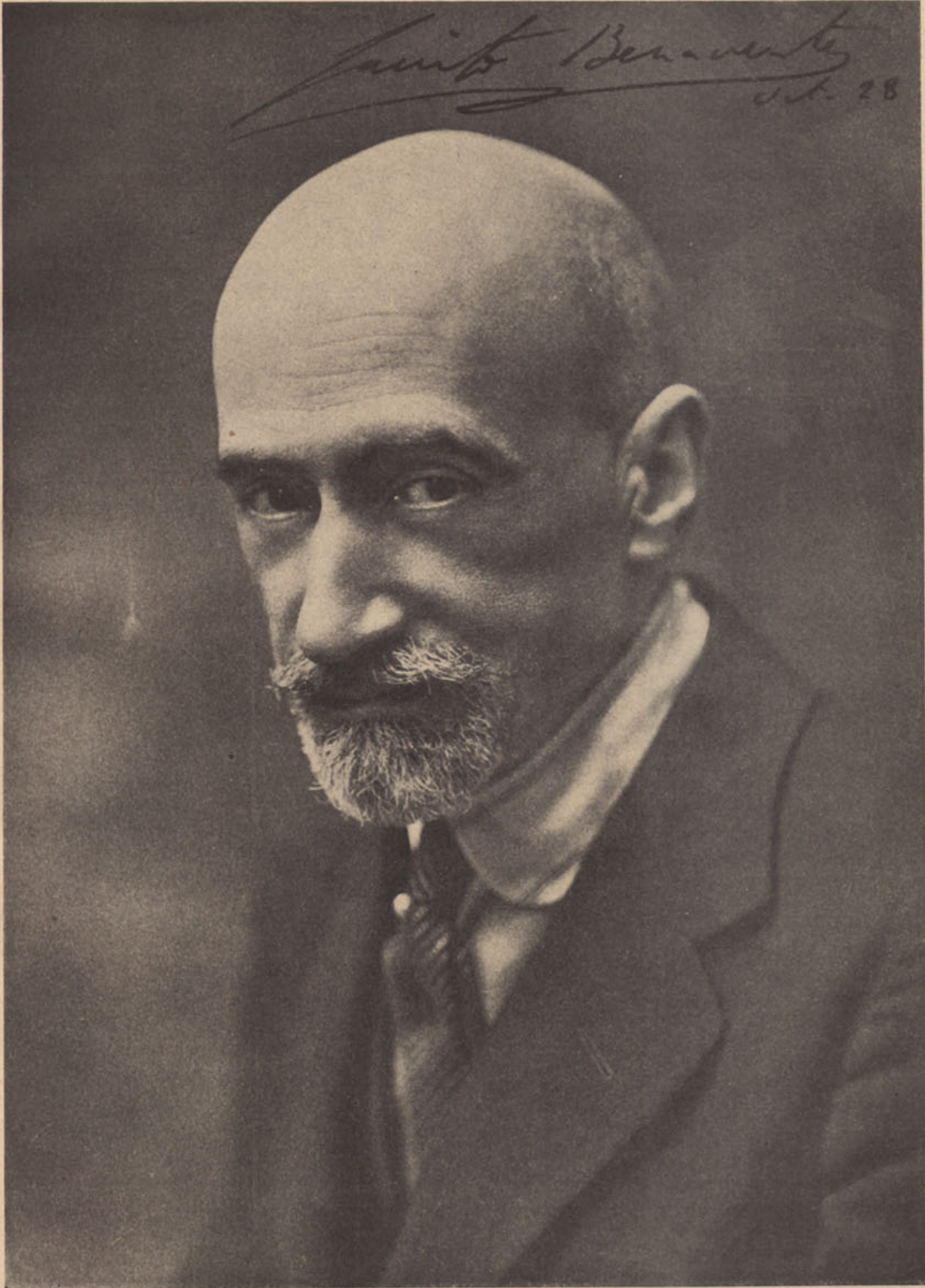




OS HUMILDES

NESTA PÁGINA SE REPRODUZEM ALGUNS BELOS TIPOS, RETINTAMENTE PORTUGUESES, ARRANCADOS À TERRA E AO MAR, NA SUA INFINITA HUMILDADE. De cima para baixo e da esquerda para a direita: UM PAR DE JARRAS. — O VELHO LÚCIO. — VELHO PESCADOR DA RÉGOA. — PASTOR OCTOGENÁRIO E UM VELHO PEDINTE, TÍPICO DAS ESTRADAS POEIRENTAS D'ESTE VELHO PORTUGAL.

FIGURAS DO TEATRO MUNDIAL



D. JACINTO BENAVENTE

O GENIAL DRAMATURGO ESPANHOL, EM PLENA PUJANÇA DO SEU MAGNÍFICO TALENTO, GLÓRIA DAS LETRAS DO PAÍS VISINHO, E NESTE MOMENTO DISCUTIDÍSSIMO PELA SUA ATITUDE LITERÁRIA

(Foto Wälken)



VIDA DOS ÁTOMOS

PIO BAROJA

(TRADUÇÃO DE
NOVAIS TEIXEIRA)

Certa noite de inverno estava eu, no meu quarto, a ler. Em casa não se ouvia nem um só ruído nem um só murmúrio; unicamente dois relógios, um deles no meu escritório, o outro no corredor, quebravam com o seu tic-tac o silêncio da noite.

O mais pequeno, o do meu quarto, introduzia entre o tic-tac habitual dum relógio

estava em cima da mesa, colocado sobre a *Psicologia celular*, de Haeckel, e via-me gesticular, com os seus olhos amarelos e uma indiferença mortificadora. Julguei descobrir na sua expressão certo vislumbre de ironia, que me pareceu imprópria dum subordinado e dum sêr, que, afinal de contas, vive à minha custa.

Levantei-me da mesa e sentei-me numa poltrona ao lado da chaminé, acendi o cachimbo e puz-me a observar as chamas. O meu cão resmungou, porque não gostava que o afastassem do calor do fogo.

Não podia desviar o pensamento da teoria atômica e do átomo. O insectável! Há lá nada mais imbecil que o insectável!

—O átomo é uma antiquilha— disse—; uma hipótese que é preciso destruir imediatamente. Só existe a matéria única. Quando aparecer alguém com critério científico e filosófico há de negar o átomo.

O meu cão, meio adormecido, olhava-me de vez em quando, de soslaio, com certo respeito.

—Não tenhas dúvida— disse-lhe eu.— Temos que deixar essa velhice do átomo; devemo-nos transportar mais além, ao sub-átomo, se se me permite a expressão.

O meu cão fechou os olhos, como se accitasse a frase.

—Já não estamos naqueles tempos— continuei— em que chamar ao ouro Au, à prata Ag, e ao enxofre S, significava alguma coisa. Já não estamos nesses tempos. Não. Não estamos nesses tempos. Como ninguém me con-

tradissem, puz-me, para me entreter, a contemplar o fogo, que fazia estalar a lenha colocada nos pés da chaminé, representados por duas negras egípcias, e a olhar para a cinza do meu cachimbo. Estava com os olhos nesta, quando uma chispa se escapou do meio dela, fugiu para o ar e ficou imóvel.

Eu, escandalizado perante aquela subtração à lei da gravidade, peguei na tenaz e tratei de atirar com a chispa ao chão; mas ela, sem se importar com leis, permaneceu no seu sítio e começou a dar voltas, formando efêmeros no ar, até que... paf, rebentou como um foguete em milhares de luzinhas brancas, vermelhas, verdes, roxas, escarlates, de tôdas as cores, mates e com brilho.

Aquilo já me parecia uma ofensa. Lentamente, naquelas pequeninas chispas, foram-se desenhando formas vagas, que, ao concretizar-se, se transformaram em figuras de homens, mulheres, cães, cinipes e lagartos, e começaram todos a revoltear e a dançar vertiginosamente à volta da minha cabeça.

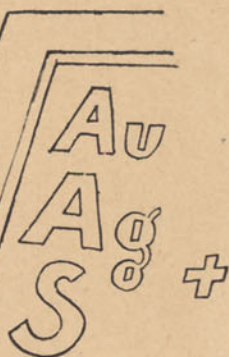
—Au! Au!— ladrava um cãozinho, côr de oiro, aos meus ouvidos.

—Agá! Agá!— gaguejava um tipo idiota, inodoro, incolor e insípido.

—Br! Br!— zuniu um cinipe, que exalava um cheiro acre e forte.

—Que diabo de gente é esta?— murmurei indignado.— Quem sois vós?

Então, um daqueles bichos, que se assemelhava a um pirilampo pela classe de luz que despedia, e que silvava como uma má-



respeitável, outras duas pancadinhas intermédias e parecia dizer:

—Porque não vamos? ...Porque não vamos?...

O grande, o do corredor, desprezando estas fantasias, impróprias dum relógio sério que se estima, murmurava em voz baixa:

—Já vou... Já vou...

E eu ouvia correr os dois relógios, perseguindo-se com os seus ruídos, e desdenhava profundamente, do fundo da minha alma, a estéril canseira que tomavam para se apanharem um ao outro.

Tinha lido numa obra moderna de química o desenvolvimento da teoria atômica e estava preocupado; até sentia alguma indignação.

—Os átomos não me convencem— murmurei—. Parece-me que tenho direito a que os átomos não me convençam. Somos ou não somos positivistas?... Pois então... Já houve alguém que visse o átomo? Que pesasse o átomo? Porque se atrevem a dizer que é indivisível? Porquê? Sobretudo, o que mais me ardeia, e isto digo-o em segredo, é que me afirmem que o átomo é insectável.

O meu gato preto, parece-me que tenho direito a dizer que tenho um gato preto.

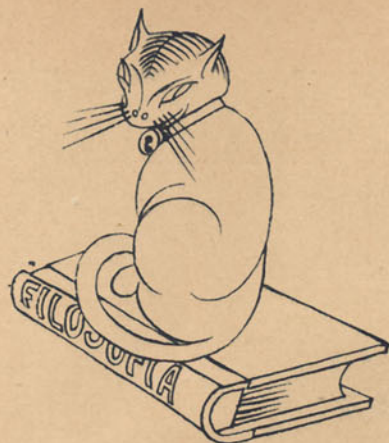




A temperatura suave da Primavera
no rigôr do inverno, eis o que V. Ex.^a
pode ter em sua casa adquirindo
um Calorifero e fazendo-o funcio-
nar com o combustivel apropriado:

PETROLEO
SUNFLOWER 

VACUUM OIL COMPANY



quina a vapor fazendo Ph! Ph!, estacon diante de mim descaradamente e disse-me:

— Somos átomos.

— Mentiroso! — gritei eu — ; os átomos não existem.

— Ag... ag... ag... — exclamou uma senhora de vestido branco e riso argentino.

— Com que então não existimos, seu imbecil! — replicou o átomo fosforescente com desprezo. — Vós, os homens, é que não existis! Sois a nossa casa, servís para a nossa alimentação, para a nossa vida, e... para nada mais.

— Vocês!... Vocês não têm vida — disse-lhe eu. — Onde está ela?

— Oh, Humanidade, Humanidade! Sempre há de ser uma grande parva — gritou o átomo fosforescente. — Vês que nos movemos, que nos apaixonamos como os homens; és testemunha da nossa sensibilidade e da nossa vontade e ainda negas que tenhamos vida.

— Vontade? — saltei eu. — Não comprehendes, ridículo felelho, que sobre todas as tuas acções pesa um determinismo inexorável; que eu posso fazer com que contráias matrimónio e que te divorces quando me dê na veneta?

— Oh!... Oh! — disse um átomo de oxigénio. — Isso já é demais.

— S... S... — murmurou o átomo de enxofre, com o dedo posto sobre os lábios e atalhou: — Deixai falar o átomo inteligente.

— O que nos dizes acêrca do divórcio — redarguiu o pirilampo, — só prova que estamos mais adiantados que vocês. Que átomo, que tenha dois átomos de senso comum, suporta uma mulher durante toda a vida?

— Não falas mal — repliquei-lhe eu, — se é que vos divorciáveis voluntariamente; mas vocês, desgraçados, não têm vontade como os homens.

— Não digas tolices! — respondeu êle. — Considerais-vos livres porque não podeis compreender o mecanismo do trabalho atómico no vosso cérebro; mas, se os nossos actos são fatais, os vossos também o são; somos factores de vocês, e de fatalismos atómicos não é possível obter-se livres-alvedrios humanos.

— E a alma? — disse eu, lembrando-me que na Psicologia, na Lógica e na Ética

minoso e brillante e subiu ao ar; depois, desceu e disse:

— Viste? Isto é uma idea.

Eu estava atónito.

O átomo fosforescente aproveitando-se da minha estupefacção, continuou com as suas fantasias um tanto chocarreiras.

Pôs-se em forma de aspa e disse:

— Ai tens uma idea geométrica.

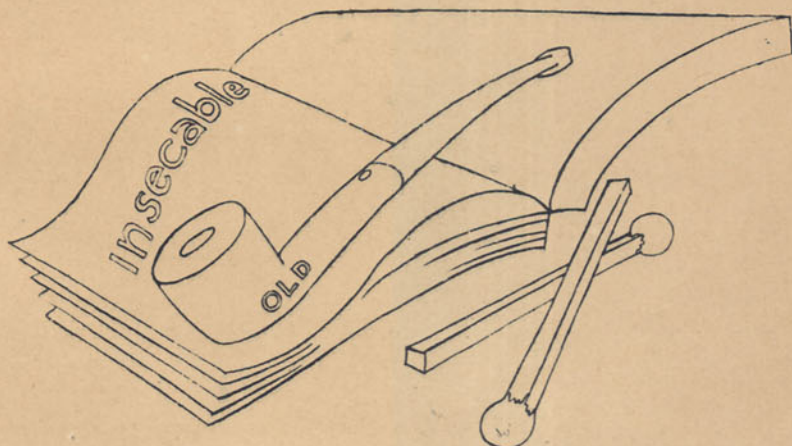
Depois torceu-se até traçar um ângulo agudo e murmurou:

— Isto é uma idea de ódio.

Escarapachou-se, abriu os braços e disse: — Isto é um pensamento de amor.

Eu, repito, estava atónito; os átomos davam a volta de mim, guinchando, gritando todos em côro:

— Somos a matéria única, o indivisível, o *insecável!*



aprendera uma porção de artimanhas para demonstrar a sua existência.

— A alma! Pst. Se eu estiver no cérebro dum homem, não lhe faltará intelligência; que lá falte êste teu criado, e verás o que é a estupidez.

— Quem demónio és tu, que te apresentas com tanta prosúpia?

— Sou o átomo de fósforo. Olha.

E o átomo retorceu-se, voltou os pés por cima da cabeça, converteu-se num anel lu-

Quando me capacitei bem destas palavras, estremei todo e exclamei:

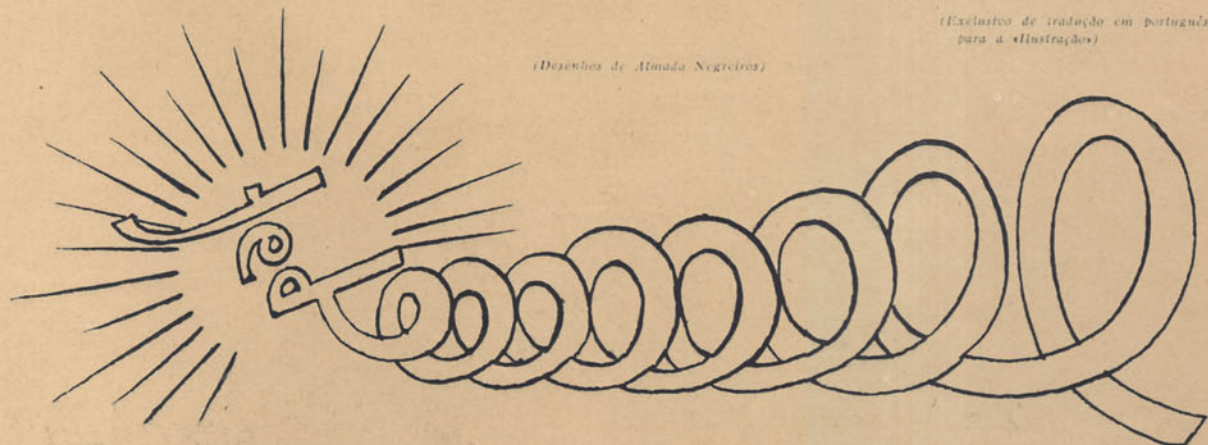
— É falso! É falso! Sois formados de partes!

Então, homens, mulheres, cães, cinípes e lagartos estalarão; e uma substância tênue, côr de cinza, flutuou no espaço... Sorri-me com um sorriso alegre e triunfante... Via a matéria única, o meu X primitivo, a matéria eterna e eternamente divisível...

Mas, oh, diabo! — tinha-se-me apagado o cachimbo.

(Exclusivo de tradução em português para a «Ilustração»)

(Desenhos de Almada Negreiros)





AZENHAS NO RIO NEIVA (VIANA DO CASTELO)

(Cliché Aureliano Carneiro)

LIVROS E ESCRITORES

Tanto nos habituámos à condição de tributários do estrangeiro na maioria do que importa já à manutenção do corpo já à do espírito, — que quasi nos sentimos acometidos de escandalizada estranheza quando um produto nacional, nacional não apenas por ser português o seu autor como também, e especialmente, pelo carácter bem nosso de todos os elementos que o constituem, surge a aliciar-nos o gôsto e a requerer alvará de livre circulação. No domínio das letras, essa servência do indígena ao que entra pelas fronteiras é então uma coisa que parece já introduzida nas próprias veias: quasi por sistema, cremos bons todos os livros que em allicia língua se imprimem, assim como julgamos óptimas todas as peças que os dramaturgos e comediógrafos desses estranhos países se lembram de nos fornecer, verdade se diga, com tais requintes de solicitude que, tanto a fazenda como o seu complemento, isto é, tanto a obra teatral como o respectivo réclamo, aqui nos chegam prontos e na mesma hora, dentro dum único pacote. E só desembrulhar e usar, pelo que a ninguém são aqui impostas as dores de cabeça que implica sempre a criação artística, podendo até os críticos, por igual motivo, gozar mais à regalada suas largas férias.

Igual movimento de estranheza não deixou de acolher, pois, a última produção literária do sr. dr. Samuel Maia, essa admirável peça em três actos, *Braz Cadunha*, mantida em scena até há poucos dias num dos melhores palcos lisboenses e agora arquivada num volume que acabamos de ler com subido interesse. Porque se viu nela uma vigorosa estreia no género teatral dum autor que já no campo do romance conquistara bem sólidos créditos e, mui especialmente, porque nessa obra se verificou uma onçada emancipação perante os temas que a dramaturgia estrangeira nos põe diariamente sob os olhos, sendo antes dum estremo lusitanismo os seus scenários e as suas personagens, o assunto versado e os costumes entre os quais elle se desenrola, tudo isto dado numa linguagem viva e cheirosa a humo e a primitividade de instintos, o caso deu brado: falou com entusiasmo a crítica, o público applaudiu, e em todos nós houve mais uma vez enjoo de estabelecer a seguinte e oportuna pergunta: porque não estimularmos a revivência do teatro português, cuja árvore não é tão pobre de seiva que nós não tenha já apresentado com um Gil Vicente e um Garrett e, nos tempos próximos, com umas boas dezenas de trabalhos de verdadeiro talento, com originalidade e garra, entre os quais, inegavelmente, este *Braz Cadunha* firmou agora lugar? Santos de casa não fazem milagres, sentença, essa: melhor seria que, em vez de o repetirmos sem tom nem som, cuidássemos de paritillar com as lâmpadas dos altares desses tão abandonados santos domésticos o óleo de admiração com que, às mãos rôtas, estamos sempre prontos a alimentar a chama votiva dos santos alheios. Postos então em pé de igualdade, uns e outros, dentro do nosso culto, talvez que os milagres dos últimos fossem por vezes ofuscados pelos dos primeiros...

Braz Cadunha, em leitura, só confirma o agrado obtido em scena. Essa figura do Braz, duma violência quasi feroz, enche a peça, domina-nos,



Dr. Samuel Maia



Dr. Vieira Guimarães

é uma criação autêntica: nela fica o símbolo do nosso serrano, que à posse da terra tudo sacrifica. Nem a honra, nem a própria morte, lhe cortem o passo quando elle vá à conquista dum pedaço de chão: seus instintos unidos na mesma fúria, como diz uma das figuras do drama do dr. Samuel Maia, hão-de despedaçar sempre todos esses estorvos!

Se o camponês é assim tão apegado à terra, dela fazendo o seu maior amor, como se compreende que elle emigre tanto, a maioria das vezes, para obter recursos para a viagem, alienando as poucas courelas que possui? Pois, paradoxalmente, o que em geral move o emigrante rústico é esse mesmo seu apego ao torrão: querendo fertilizá-lo e ampliá-lo e não tendo meios de o obter mantendo-se só entregue ao cultivo do que tem, vai a lugares longínquos, em busca do ouro com que mais tarde realizar a sua ambição de tólas as horas, comprando então mais terras e intensificando nelas o fabrico. Por isso, e só por isso, se põe deabalada para a aventura, a maioria das vezes — ai d'elle! — indo deixar os ossos no solo onde sonhou existir um Eldorado, e outras também regressando à aldeia pátria bem mais mísero do que partiu, mais mísero agora porque seu bens dantinho os tomou a usura e também porque a alma se lhe esvaziou por completo de esperanças e ilusões.

A odisséia do nosso emigrante, que é, no fundo, igual à do emigrante de muitas outras nacionalidades, põe-nos, na sua verdadeiras e negras cores, ante nós o talento moço e destro de Ferreira de Castro, no seu recente romance intitulado, o mais singela e sugestivamente que é possível, *Emigrantes*. Nas suas páginas, onde a imaginação roça muito ao de leve com a sua asa, para que as notas realistas, filhas da minuciosa observação dêsse formidável problema da nossa grei, não percam um mínimo que seja o seu angustioso significado, Ferreira de Castro constrói com mão segura o romance, por inteiro verosímil, de Manuel da Bouça, que, na mira da riqueza, hipoteca os seus haveres e, com o coração alagado pelas lágrimas da mulher e da filha já casadoira, parte para o Brasil, que é a miragem mais fiel e antiga dos ambiciosos portugueses. Ali o espera o mais tremendo dos desenganos. A fúria das patacas, se acaso existiu algum dia, secara. E elle, primeiro ao serviço duma fazenda, depois na balbúrdia duma cidade, já mais logra amealhar o pecúlio que o seduzira. Durante a sua ausência, morre-lhe a mulher, ralada de saudades, e a filha liga-se com um homem pobre mas trabalhador que sempre a requestara e a quem Manuel da Bouça não queria para genro. Por fim, o desiludido emigrante regressa e, não podendo esconder dos seus patricios a exiguidade do que traz consigo, após uns dias de visita na terra natal, durante os quais teve de sofrer a curiosidade dos que o supunham rico, resolve sumir-se na capital, para angariar de novo, pensosamente e seja como for, o seu pão.



Ferreira de Castro

Tanta soma de pormenor incluiu Ferreira de Castro no seu romance, descrevendo-nos passo a passo os preparativos da viagem do emigrante, todos os episódios dela e, por último, os da estada na terra brasileira, que estas páginas tomam frequentes vezes o aspecto duma completa reportagem sobre o drama da emigração.

Incisiva, sem artificios, a verdade irrompe destes capítulos escritos com a consciência de que o livro em questão transcende muito, em importância, os limites da literatura. Romance, é elle; mas é também, sob a sua traça, um ardente libelo contra a emigração tal qual como hoje se faz, sangrando a nação dos seus mais operosos elementos, extraíndo-lhe, em pura perda, as suas energias mais fortes. Libelo, portanto, contra o Brasil? Nunca, assevera o autor, no posfácio: o reu é aqui somente o enganador da emigração, que, para proveito próprio, incita o camponês a abalar. Esse, sem despejar pé do solo pátrio, sem regar os agros com uma só gota de suor, é o que vai chamando a si a posse de tudo que o pobre labrego ambicionara. As suas herdades, sim, que medram e se ampliam, e nos pontos onde o triste emigrante sonhou erguer moradia caída e ativa, é ali mesmo que o que o incitou ao êxodo e lhe vendeu a passagem veio a construir vistosa propriedade. O drama de Manuel da Bouça, explanado tão vigorosamente por Ferreira de Castro no seu último livro, coloca-nos, portanto, como já acentuámos, em contacto com um dos

mais agudos problemas portugueses da hora presente.

A Igreja Manuelina do Monumento de Tomar assim se denomina um opúsculo da autoria do sr. dr. Vieira Guimarães, figura insigne de erudito que a nossa Academia de Sciências se honra de ter entre os seus membros. Em três dezenas de páginas, não mais, desenvolve o ilus-



D. Angel Lázaro

tre publicista um estudo sobremodo valioso sobre o papel que no Convento de Cristo, em Tomar, compete na história da arquitectura religiosa portuguesa. Informado de maneira notável sobre o assunto, não se trata aqui, todavia, dum caso de mera divulgação de conhecimentos: essa informação copiosa serve de alicerce ao esclarecimento de certos problemas ligados a esse velho e precioso monumento, problemas que, tal é o do nome do verdadeiro architecto da igreja, tem conservado indecifrável até hoje a sua incógnita. Se bem que o sr. dr. Vieira Guimarães não dê por fechada a questão com este seu estudo, estamos certos de que elle muito contribuirá para que outros críticos e historiadores da arte nacional tomem, em tão boa companhia, esse caminho.

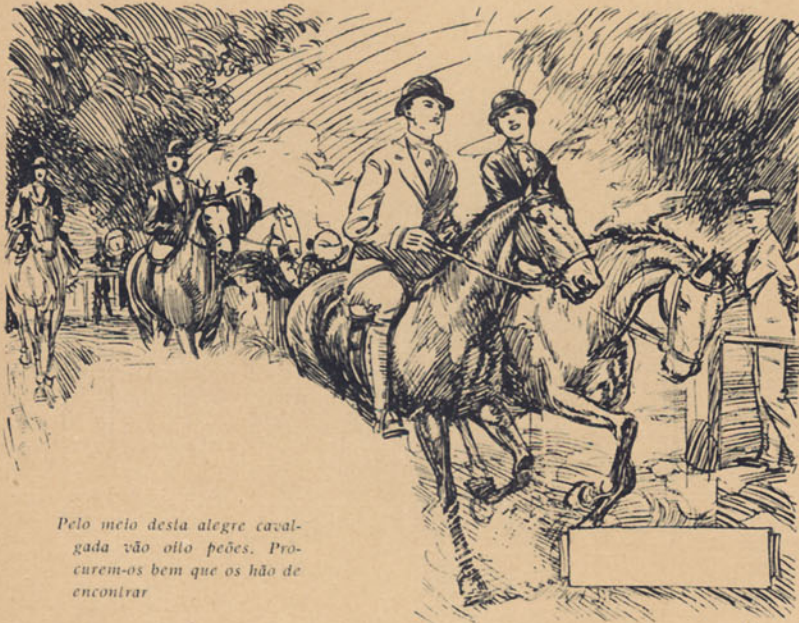
D. Angel Lázaro trouxe-nos uma hora de delicia espiritual com o seu volume de poemas *Confession*, em que, página a página, se patenteia um belo temperamento lírico.

De medallhões e elogios a vultos intellectuais de primeira grandeza das letras espanholas contemporâneas se compõe, na sua maioria, a primeira parte da obra, à qual se seguem quatro departamentos mais, todos elles repletos de produções de excelente recorte literário e nobre pensamento. Mas é na parte final, nos *Monólogos*, que, em nosso juízo, está a nata poética do livro. O soneto *Ya le tengo otra vez, dolor hermano*, para exemplificarmos, é brilhante padrão do estro superiormente vibrátil que reside em D. Angel Lázaro. E também, páginas antes, na *Promesa*, a inspiração atinge em seu voo as mais altas regiões emotivas.

CÉSAR DE FRÍAS.



Passatempo



Pelo meio desta alegre cavalgada vão oito peões. Procurem-os bem que os hão de encontrar

Um padre estava interrogando as crianças da catequese sobre personagens da história sagrada, e principou assim:

- Quem foi o primeiro homem?
 - Adão! — responderam todos em côro.
 - Quem foi a primeira mulher?
 - Eva! — gritaram os pequenos a um tempo.
 - Quem foi o homem mais submisso?
 - Moisés!
 - Quem foi a mulher mais submissa?
- Ficaram todos silenciosos. Por fim levantou-se uma mãozinha no ar e o padre perguntou:
- Dize lá, meu rapazito, quem foi essa mulher?
 - Não houve nenhuma — respondeu o pequeno.



— Quêreis saber a que ponto chegava o zelo de S. Francisco Xavier pela salvação das almas? — exclamou, no púlpito, um pregador no dia da festa deste grande santo. — Pois sabeis que, abordando este famoso missionário a uma ilha inteiramente deserta, converteu nela mais de seiscentas mil almas!



Certo bispo, tendo ido a Roma, na esperança de alcançar um chapéu de cardeal, voltou sem êle ao seu bispado e oprimido com grandíssima tosse.

— Não é de admirar, disse alguém, porque veiu de Roma até aqui sem chapéu.



O MARIDO (recebendo um presente da esposa): — Chama-se então este livro «Histórias para todas as ocasiões», hein? Deve ser muito interessante.
A ESPOSA: — Sim, meu querido, é útil também. Lembra-me que talvez aí encontres algumas novas, que te servirão para quando vens para casa às duas horas da madrugada!

O marido: — Nunca me dás a mais ligeira mostra de affecto. Não és capaz de me chamar «meu amor» como fazem as mulheres doutros homens.

A esposa (interessada por fim): — As mulheres dos outros homens chamam-te «meu amor»?



A engomadeira: — O senhor queira desculpar, mas perdeu-se uma das suas camisas.

O freguês: — Mas olhe lá, então fez-me pagar o trabalho de a engomar! Como se entende isso?

A engomadeira: — Pois naturalmente. Já a tinha engomado quando ela se perdeu!



A TEORIA DE DARWIN

(Solução)



Aqui está o animal bem conhecido e ainda mais saboroso em que o pequeno endiabrado transformou o coelho virado de lombo que elle desenhára na pedra.



O velho amigo da família (paternalmente): — Gostas de ir à escola, Antoninho?

O pequeno: — De ir à escola, gosto, e de voltar para casa também. Do que não gosto é de estar lá fechado todo aquele tempo.



A mãe: — Dei-te, ontem, um tostão para seres bom, e já hoje tens sido o pior possível.

Ricardito: — Então, mamã, é para que veja que não empregou ontem mal o seu dinheiro.

MONOGRAMA

(Problema)

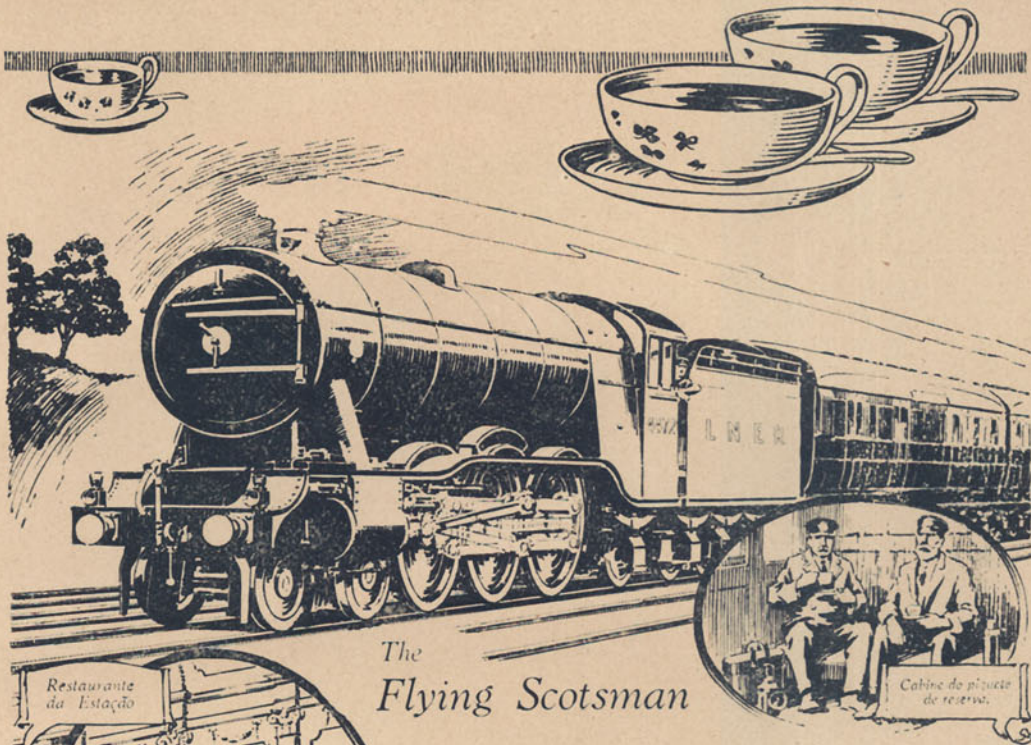


Neste monograma está contido o nome de um país da Europa. Qual?

BELEZAS ARQUITECTÓNICAS DE PORTUGAL



MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA — FACHADA PRINCIPAL



O comboio "Flying Scotsman" faz actualmente o maior percurso do mundo: de Londres a Edimburgo e vice-versa, diariamente, ou seja uma distância de 392 milhas, ou pouco mais de 630 quilómetros por cada viagem e sem paragens, em oito horas e uns minutos. Este "record" é alcançado por meio do emprêgo de um tãnder de locomotora com um corredor que permite aos mecânicos renderem-se de guarda durante a marcha. Possui todas as comodidades para os passageiros, tais como: Sala especial para Senhoras com criada de serviço, cabeleireiro, cosinhas elétricas, frigoríficos e carruagem restaurante em todas as classes.

Na Gran-Bretanha todos os viajantes: homens, senhoras, rapazes, raparigas, maquinistas, fogueiros, conductores, agulheiros, passageiros, e os que teem de suportar as fadigas do trabalho, todos apreciam a refrescante fragância, pureza e mérito do

CHÁ HORNIMAN

A casa Horniman fornece chá a todos os Estabelecimentos e goza de fama na Gran-Bretanha ha mais de 100 anos. O chá Horniman prepara-se expressamente para V. Sra., do mesmo modo que para todos os países do mundo, em recipientes de diversos tamanhos, apropriados às necessidades do comprador.



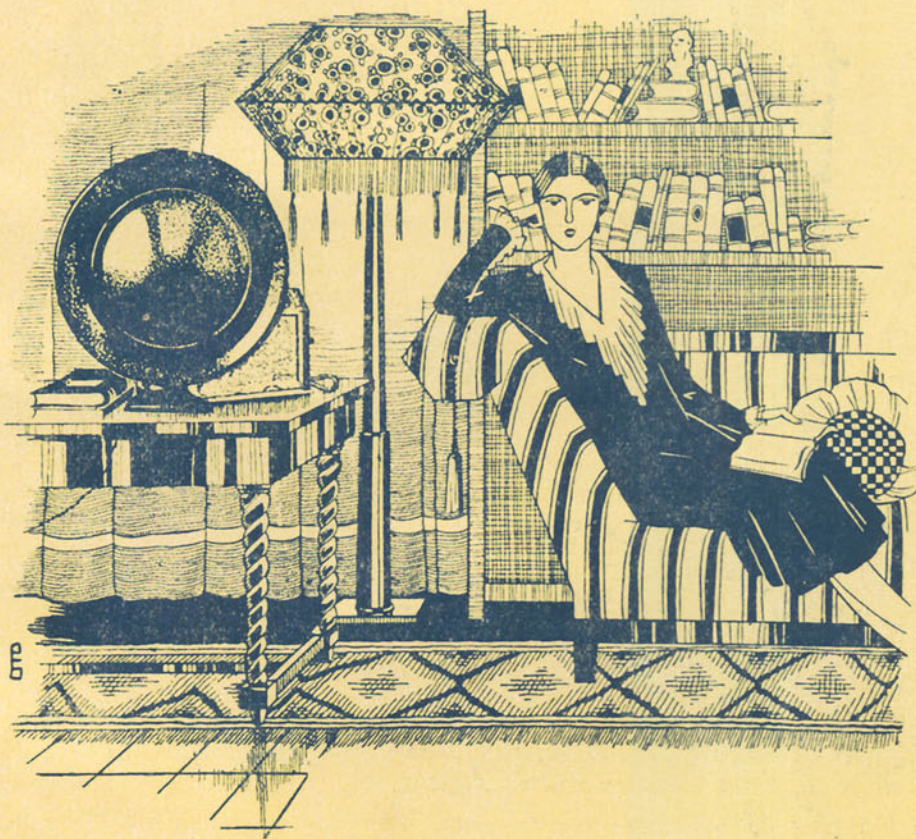
R



**BERTI AND
IRMÃS, L^{DA}**

**FOTOGRAVADORES
TEL. T. 96
T. DA CONDESSA DO RIO
27**

UMA INSTALAÇÃO PHILIPS



É A FELICIDADE
CONQUISTADA

offereça um presente a si mesmo



AT. CARLV
D. G. Stefan

a saúde pelo

SAL DE FRUCTA

ENO

"FRUIT SALT"

O "Sal de Fructa ENO" é um maravilhoso presente que cada um pode offerer a si mesmo. Eno é reputado, de ha sessenta annos para cá, o mais precioso auxiliar da saúde.

De preparação salina efervescente, exempto de assucar e de sal mineral purgativo, a eficacia de ENO é sem igual para assegurar o bom funcionamento dos orgãos digestivos, condição essencial de boa saúde. ENO anima e vivifica dôcemente o intestino e regula-o como o fariam os fructos bem maduros.

O uso diario de ENO afasta as enxaquêcas, as nauseas, o abatimento; tonifica o sangue e torna permanente a sensação agradável da saúde, da actividade, do bom humôr!

Uma colher, das de chá, n'um copo d'agua pela manhã e á noite.

Exigi sempre a marca "ENO'S FRUIT SALT" "SAL DE FRUCTA ENO"

As palavras "Fruit Salt" — "Sal de Fructa" e "Eno" são marcas da fabrica, registadas.

Depositarios em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY & C^o. Lda, 8, Caes do Sodré, LISBOA

